

Combatendo no Espírito

A Renovação Carismática na Igreja Católica (1969-1998)

Leila Maria Massarão



paruna

Leila Maria Massarão

Combatendo no Espírito

**A Renovação Carismática na
Igreja Católica (1969-1998)**



São Paulo
2025

© Leila Maria Massarão, 2025.

Qualquer parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada de forma gratuita, por meio eletrônico, fotocópia e outros, desde que citada a fonte.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão dos autores.

M414 MASSARÃO, Leila Maria. Combatendo no Espírito: a Renovação Carismática na Igreja Católica (1969-1998) / Leila Maria Massarão. São Paulo: Paruna Editora, 2025. 122f.

ISBN: 978-65-85106-51-1

1. Religião. 2. Catolicismo. 3. História. I. Prefácio: Valério, Mairon Escorsi. II. Título.

CDD: 200.206

Revisão e Normalização Textual:
Adrienne Firmo – Paruna Editorial

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:
Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial



Paruna Editorial
Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento
CEP: 01552-020 – São Paulo, SP
Fone: 11 97958-9312
www.paruna.com.br

Eu não temerei.
O medo é o assassino da mente.
O medo é a morte pequena que traz a total obliteração.
Eu enfrentarei meu medo.
Permitirei que passe sobre mim e através de mim.
E quando tiver passado,
voltarei minha visão interna para sua trilha.
Por onde o medo passou nada restou.
Apenas eu permaneço.

Litania contra o medo Bene Gesserit
Duna, Frank Herbert (1920-1986)

Para alguém que aqui está e não existe.

Agradecimentos

Preparando estes agradecimentos recuperei aqueles feitos quando a dissertação de mestrado que deu origem a este livro foi defendida. Aqueles ali citados poderão ser mencionados novamente, claro, mas hoje há outras pessoas a serem incluídas e alguns motivos a serem ajustados.

Perdi algumas dessas pessoas pelo caminho, em curvas que nos levaram para longe uns dos outros. Outras seguiram a roda da vida e cumpriram suas missões. Alguns apenas partiram e sumiram nas sombras. Porém, cada uma delas tem papel naquela distante graduação/mestrado e tantas outras chegaram até aqui, no nascimento desta publicação.

Inicialmente, tenho que agradecer à minha orientadora, professora doutora Eliane Moura Silva, pelos anos de trabalho conjunto, por tudo que me ensinou e pela oportunidade de trabalhar com o que gostava. Anos depois, ainda nos encontramos e é sempre uma alegria. Obrigada sempre!

Também devo agradecimentos aos professores do IFCH-UNICAMP, responsáveis por minha formação, em especial, aos professores Célia Maria Marinho, Leandro Karnal, Pedro Paulo Funari, José Roberto do Amaral Lapa (*in memoriam*) e Roberto Romano (*in memoriam*).

Agradecimento à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio fornecido através de uma bolsa pesquisa durante a realização do meu mestrado.

Em se tratando deste trabalho, reforço meus agradecimentos ao grupo de oração da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Campinas/SP), que cedeu gentilmente seu acervo para minhas pesquisas. A Rafael Cresci, que tristemente perdi em alguma curva, por todas as conversas que, mesmo virtuais, me mostraram uma nova dimensão da Renovação Carismática. E aos funcionários da Biblioteca da CNBB pelo envio dos documentos tão arduamente “garimpados” em uma louca viagem para Brasília (DF).

Finalmente, o momento das injustiças. Chamei assim no passado e, provavelmente hoje também acontecerá.

Agradeço aos meus pais, Sebastião e Maria de Lourdes, ambos já falecidos, e aos meus irmãos, em especial à Tânia e à Vânia, bem como minhas sobrinhas e sobrinhos-netos que vieram compondo e recompondo minha vida.

Aos meus cachorros, companheiros das madrugadas de trabalho, Seiya, Shiryu e Poti, que já fizeram a passagem do arco-íris. Mas tem mais: Catharina, Kiara e Ohara – *in memoriam* –, Yuko, Shun e Marzipan. E, nesse conjunto, preciso agradecer a Renata Grassmann, Alexandre Fuca Silva e Luiz Henrique Bertocco.

Aos amigos de longe, que mesmo assim estão em meu coração, Francisco Fagner Coelho, Mateus Rosada, Rachel Melo, Luciane Grandin e Elisângela Verano Ferreira.

Aos meus colegas de trabalho na Fundação Pró-Memória de São Carlos, com quem caminho há mais de 20 anos e que me tornaram uma profissional melhor e uma pessoa

diferente, para melhor. Se eu citar alguns, outros não serão devidamente lembrados, então vou me abster, né Kellen, Bel, Vanessa, Fábio, Rogério, Júlio, Mariana, Joana D'arc, Renato Aldrichi, Maurício, Stephanie, Fran, João Paulo, Camila, Tereza, Luiza e Heloísa.

Aos amigos de perto, companheiros do dia a dia que tornaram-se família: Renilson R. Ribeiro, Mairon E. Valério, Denise Cristina dos Santos, Maria Cristina Martins Cunha (Tininha), Maria Stella Martins Cunha, Natália Innocente Rodrigues, João Pedro Volante, Marisa Nunes, Ana Paula Vasconcelos, André Formici, Sandra Kaibara e Flávia Thiemann.

E a todos aqueles que não foram citados por uma gravíssima falha de memória pós-pandêmica, mas que serão lembrados no coração.

Prefácio

Os labirintos da fé

Quando o Padre Marcelo Rossi, em meados dos anos 1990, emplacou músicas religiosas nas paradas de sucesso e trouxe os holofotes da imprensa nacional para as missas efervescentes com ampla manifestação de carismas, lotadas de fiéis, a denominada Renovação Carismática Católica (RCC) já havia percorrido um longo caminho. Com raízes históricas no catolicismo norte-americano e nas aspirações do Vaticano II, a RCC chegou rapidamente ao Brasil nos anos 1970 e tornou-se presença incontestável, relevante e consolidada no campo religioso interno do catolicismo brasileiro.

Essa gênese histórica nos auxilia a compreender sobremaneira o fenômeno que responde aos anseios do *aggiornamento*, ampliando a participação e a presença do laicato no cotidiano da Igreja, por um lado, além de atender expectativas como a do ecumenismo, de outro, no ambiente religioso norte-americano, significou uma proximidade espiritual com o pentecostalismo e sua história de ciclos de avivamentos espirituais.

Entretanto, como todo processo de desenrolar histórico de um movimento religioso, a transposição nacional ao ambiente cultural-religioso brasileiro e ao contexto das décadas subsequentes, acarretou uma série de traduções culturais, para usar a expressão de Homi Bhabha.

É desse processo de gênese, evolução e inserção cultural-religiosa que a obra *Combatendo no Espírito – a Renovação Carismática na Igreja católica (1969-1998)*, da historiadora Leila Maria Massarão, dá conta de maneira singular e com uma contribuição ímpar do debate historiográfico acerca do catolicismo brasileiro contemporâneo.

Por meio de uma linguagem clara e objetiva, a autora aponta para a necessária compreensão do fenômeno da RCC num contexto crítico-interpretativo dominado pelas categorias da sociologia da religião e influenciado por um léxico semântico de autores profundamente marcados por conceitos ligados ao catolicismo, da libertação que hegemonizou a produção crítico-intelectual do catolicismo brasileiro nos anos 1970 e 1980. Nesse sentido, Leila destaca como a oposição entre a Teologia da Libertação e a RCC constituída a posteriori, acabou se impondo como chave de interpretação para o surgimento e afirmação da RCC no Brasil, desde suas primeiras inserções no catolicismo brasileiro, ocasionando aquilo que a teoria da história aponta como retrodição, uma espécie de teleologia da história às avessas. A convivência e o trânsito entre os círculos de oração, incentivado por muitos bispos progressistas e as CEBs, no início, por exemplo, bem como um debate interno à RCC sobre como enfatizar um trabalho social, quebram um pouco a lógica de oposição assimétrica que aparecerá de modo mais consolidado em fases posteriores.

Fruto de uma dissertação de mestrado defendida no início dos anos 2000, a obra que agora, oportunamente vem à luz, ocupa um lugar singular pelas discussões que se propôs a fazer. Primeiramente, insere a RCC na tradição mais ampla dos avivamentos na tradição cristã que remonta séculos

discutindo a vigência dos dons espirituais na contemporaneidade. Analisa o papel do ecumenismo do Vaticano II como catalisador da aproximação de setores católicos com o pentecostalismo nos EUA. Reflete sobre a inserção no seio do catolicismo brasileiro dominado pelas discussões em torno da teologia da libertação e envolto num contexto de lutas políticas e sociais de oposição à Ditadura Militar. Contempla as dinâmicas de transformação mais amplas das diretrizes político-institucionais da Igreja com a ascensão de João Paulo II ao papado. Indica a estruturação e difusão rápida da RCC na Igreja brasileira, destacando sua capacidade de se moldar à hierarquia e reforçar a identidade católica, principalmente o culto mariano, diante das críticas apontadas. Oportuniza compreender de que modo a diversidade religiosa interna ao campo católico significa força e não fragilidade institucional desta instituição milenar. Ultrapassa os estereótipos e estigmas compreendendo as estratégias de sobrevivência, difusão, ampliação e conquista de espaço interno no catolicismo promovida pela RCC, até chegar no período dos anos 1990, da denominada ofensiva midiática.

Cabe destacar, especificamente, a compreensão da autora do papel que a ideia de 'crise' do religioso na modernidade secular desempenha para a motivação, organização e atuação dos movimentos religiosos. Leila destaca a perenidade do argumento. Uma eterna 'crise' da religião, a ausência dos valores religiosos ou da devoção a Deus são descritos criticamente, antes como recurso discursivo catalizador de movimentos religiosos do que um diagnóstico da realidade social e histórica contemporânea.

Lendo outra vez esse belíssimo trabalho, me dei conta de diversas questões que precisam de aprofundamento

historiográfico para compreendermos a natureza das transformações históricas no campo religioso brasileiro, especialmente o católico, de finais do século XX e início do XXI. Ao tocar no discurso da 'crise', a autora me fez perceber que a RCC continha um elemento fundamental para crescer e se expandir institucionalmente que, na minha perspectiva, faltava ao catolicismo da libertação – além de uma série de outros fatores apontados no texto que indicam caminhos de compreensão para o declínio da Teologia da Libertação, ao longo das últimas décadas do séc. XX, que superam a explicação monocausal de perseguição interna dos conservadores que, apesar de verdadeiro, não explicam na sua totalidade o fenômeno. A RCC apresentava maior afinidade eletiva com aquilo que institucionalmente a Igreja Católica entendia, em termos universais, ser seu maior e verdadeiro desafio: a secularização, a perda de fiéis e a diminuição da presença da Igreja na vida das pessoas. Apesar dos esforços em tentar construir uma mística católica em torno do catolicismo da libertação que suprisse essa carência, ele se apresentava muito mais como um fenômeno de eticização da fé do que de renovação espiritual, que levava muitos de seus seguidores a priorizar outros lugares mais secularizados para seguir na luta política e por transformação social do que a religião. A RCC, pelo contrário, sempre se orgulhou de arrebanhar fiéis para dentro das portas da sacristia, de fazer crescer a presença deles nas missas e de promover o retorno das famílias ao cotidiano dos serviços religiosos prestados pela Igreja.

Outro elemento que chama a atenção, é a capacidade da autora de compreender como o uso da linguagem da comunicação e do marketing eram atualizações contextuais e históricas da natureza espetacular e pública do catolicismo

que, desde tradições imemoriais, buscou a visibilidade pública como estratégia de conversão, fortalecimento e demonstração de relevância social. Reafirmação da tradição em novo contexto, não deformação do religioso pela lógica de mercado do capitalismo pós-moderno.

A obra, repleta de *insights* e reflexões, proporciona ao leitor um novo olhar sobre esses fenômenos e sobre a história recente do catolicismo no Brasil. A abundância de fontes de pesquisa não deixa a obra ser descritiva, antes, a cada parágrafo, Leila nos surpreende com análises e reflexões que colocam em perspectiva lugares comuns consolidados de interpretação desses eventos históricos.

Antes de encaminhar as últimas palavras nesse breve prefácio, no qual a admiração pela obra e pela autora ficam evidentes, gostaria de propor uma reflexão sobre o título que antecipa a natureza dos embates religiosos vivenciados no presente. O 'combate no Espírito', elucida as discussões sobre a natureza de uma concepção teológica organizada em torno da 'guerra espiritual'. Nesse sentido, a RCC, assim como boa parte do pentecostalismo, aprofundou suas cosmovisões dualistas, no qual o bem e o mal travam uma batalha nos ares que precisa ser vencida pelo fiel por meio de orações, dedicação religiosa, vida consagrada e fidelidade devocional. Entretanto, a explosão do campo político de extrema direita, organizado em torno do discurso da guerra cultural, tem capturado essa cosmovisão mais especificamente espiritual para a seara política. A proximidade da RCC com as bandeiras da direita cristã transnacional atualiza o discurso da crise e da guerra espiritual, porém, o materializa na disputa política e nas aspirações por uma transformação social, cuja utopia é um regime de maiorias conservadoras com toques

teocráticos. Estaríamos assistindo a um fenômeno histórico de eticização do catolicismo à direita? Caso isso seja verdadeiro, poderíamos observar um *déjà-vu* histórico? O que ocorreu com a teologia da libertação, no qual o crescimento do significado das lutas políticas sobrepujou e esvaziou o movimento religioso? Ou a natureza peculiar desse processo será capaz de articular religião e política sem gerar perda de potência 'espiritual'? Os combates seguirão no 'Espírito' ou ocorrerão na esfera pública da confrontação ideológico-política promovendo uma onda de secularização à direita?

Essas e tantas outras questões que só a passagem do tempo e historiadores argutos do nível de Leila Massarão nos poderão responder, já que os labirintos da fé são inescrutáveis e repletos de surpresas.

São Paulo, novembro de 2024.

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Sumário

Introdução 16

Capítulo 1

Combate no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações ♦ 21

I – A Igreja e o Vaticano II ♦ 21

II – A Igreja Católica e os Movimentos do Espírito ♦ 23

III – O Surgimento da Renovação Carismática Católica ♦ 25

IV – A Renovação Carismática versus Teologia da Libertação ♦ 32

V – O discurso da crise ♦ 41

Capítulo 2

E o Espírito diz, vem!: o Movimento Carismático Católico ♦ 45

I – Renovação Carismática Católica: características ♦ 45

II – O culto Mariano ♦ 55

III – A participação leiga ♦ 56

IV – Os primeiros passos e a relação com a Igreja no Brasil ♦ 58

V – Os caminhos da Renovação Carismática Católica ♦ 63

VI – Os anos 1980 e a explosão numérica ♦ 66

VII – Os anos 1990: Ofensiva nacional, mídia e a Renovação Carismática Católica como Igreja ♦ 71

Capítulo 3

O Pentecostes hoje: Igreja Católica e Renovação Carismática no Brasil ♦ 83

I – Manter a unidade respeitando a diversidade: A Igreja Católica do Brasil e sua relação com a Renovação Carismática ♦ 83

II – Entre conservadores e progressistas ♦ 100

À Guisa de Conclusão ♦ 104

Referências ♦ 109

Introdução

“Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

[...]

Pedro então, pondo-se de pé em companhia dos Onze, com voz forte lhes disse:

Homens da Judeia e vós todos que habitais em Jerusalém: seja-vos isto conhecido e prestai atenção às minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, visto não ser ainda a hora terceira do dia. Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: Acontecerá, nos últimos dias – é Deus quem fala –, derramarei do meu Espírito sobre todo o ser vivo: profetizarão os vossos filhos e vossas filhas. Os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos sonharão. Sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei naqueles dias do meu Espírito e profetizarão. Farei aparecer prodígios em cima, no céu, e milagres embaixo, na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O Sol se converterá em trevas e a Lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E, então, todo o que invocar o nome do Senhor será salvo (Jl 3, 1-5)”¹.

¹ Atos dos Apóstolos 2, 1-4 e 14-21.

A narrativa do Pentecostes bíblico tem inspirado a Renovação Carismática Católica desde seu início. Baseados na crença de que os mesmos dons experimentados pela comunidade cristã descritos na Bíblia a partir da vinda do Espírito Santo ainda possam ocorrer, os carismáticos católicos formaram um grupo ativo na Igreja a partir dos anos 1970, com um número grande de membros e destaque nos meios de comunicação.

O interesse despertado pelo Movimento Carismático na mídia na década de 1990, principalmente a partir do destaque dado aos padres cantores e aos rituais de cura nos eventos carismáticos, impulsionou trabalhos acadêmicos, principalmente na Sociologia e na Antropologia. A Historiografia, até aquele momento, produziu análises regionais, circunscrevendo a Renovação Carismática a uma diocese e/ou cidade, sem, contudo, observar sua história de forma mais ampla, seu estabelecimento na Igreja, sua relação com a hierarquia e com outros movimentos católicos.

Identificada constantemente como um movimento da classe média/média-alta católica, a Renovação Carismática passou por diversas análises socioeconômicas, abordando a composição educacional, sexual e ocupacional de seus componentes². Nessas análises ficou marcada a presença

2 Segundo Reginaldo Prandi (*Um sopro do Espírito*, SP, EDUSP, 1997), a partir dos dados do *Datafolha* para o ano de 1994, entre os católicos, a Renovação Carismática conta com um contingente de 70,3% de mulheres; 65,5% de brancos; 22,2% das famílias têm renda superior a 10 salários-mínimos por mês; 40,7% de carismáticos estão fora do mercado de trabalho, mas melhores são as inserções daqueles que estão no mercado, com 22,4% de funcionários públicos; além disso, 36,2% têm escolaridade igual ou superior ao antigo 2º grau. Assim, para Prandi, *“As conclusões estão praticamente alinhavadas. Há uma grande diferença social entre essas duas populações católicas, os carismáticos e os seguidores da Teologia da Libertação. Há pobres em ambas, como há gente de classe média também. Mas a presença da classe média na RCC é maior que nas CEBs, conquanto o fosso seja muito mais profundo quando se compara a RCC com o pentecostalismo.”* (Cf. p. 169).

maior dos segmentos médios da sociedade – nos quais incluem-se funcionários públicos e donas de casa de classe média. Entretanto, desde a pesquisa do *Datafolha* (1994), o Movimento Carismático passou por uma expansão significativa do seu quadro de membros, estimulada, em parte, pelas mídias, atingindo diferentes grupos sociais³.

Da mesma forma, as políticas de expansão e enraizamento da Renovação Carismática nas diversas dioceses brasileiras podem ter modificado o quadro social do Movimento.

Inserida numa Igreja como a brasileira – guiada até os anos 1980 por uma posição progressista em relação ao seu papel na sociedade (engajamento nas causas sociais, presença nas discussões políticas etc.) –, a Renovação Carismática no Brasil teve um desenvolvimento peculiar em relação, por exemplo, aos Estados Unidos e à Europa, marcado, principalmente, pelos debates com a Teologia da Libertação. Os carismáticos investiram em estratégias diferenciadas junto às dioceses e ocuparam espaços explorados de forma deficitária pela Igreja, como a televisão e a nascente rede mundial de computadores, conquistando adeptos e fortalecendo suas bases.

Para compreender como o Movimento Carismático chegou ao Brasil e se estabeleceu numa comunidade – como foi citado – fortemente influenciada pela Teologia da Libertação, este trabalho enfatizou duas frentes de análise, uma voltada

3 Como será visto mais adiante, de alguns milhares de membros no final dos anos 1970, a Renovação passou para 4 milhões em 1994. Numa estimativa apresentada pelo próprio Movimento Carismático, em 1999, esse número havia alcançado 8 milhões de membros. Esses números foram apresentados pelas lideranças carismáticas como metas alcançadas dentro das estratégias do Movimento para Igreja brasileira. (Cf. OYAMA, T. & LIMA, S. Católicos em Transe, in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, n° 14, 08 de abril/1998, p. 92; CONSELHO e COMISSÃO NACIONAL DA RCC (1999) op. cit., p. 11).

para a Renovação Carismática, especificamente, e outra para as ações da Igreja Católica em relação ao Movimento.

A Renovação Carismática produziu sobre si mesma um número muito grande de obras. Livros, apostilas, jornais, revistas, programas de televisão, filmes e outros meios de comunicação foram utilizados pelo Movimento para espalhar sua mensagem. Esses materiais, de forma geral, trazem informações sobre a formação do Movimento nos Estados Unidos e sua expansão, sobre o Batismo no Espírito Santo e os carismas que tanto chamam a atenção, suas devoções e rituais, além de textos sobre sua organização, manuais de acompanhamento para os grupos carismáticos e para seus membros.

Mesmo sendo, em sua maioria, trabalhos apologéticos, os textos da Renovação Carismática põem ao alcance dos observadores a imagem que o Movimento construiu de si mesmo. Mais importante, porém, é a possibilidade de alcançar, mesmo de forma indireta, traços da RC em seu cotidiano, indo além da construção idealizada de seus textos.

Além da produção destinada ao público em geral, a Renovação Carismática Católica, através de sua estrutura organizacional, editou documentos importantes para a análise de seu estabelecimento no campo católico brasileiro, expondo as modificações e as continuidades no Movimento em sua relação com a hierarquia e o cotidiano da Igreja Católica naquele momento.

Em contrapartida, a história da RC também se faz a partir da Igreja que a acolheu. O acompanhamento feito pela Igreja Católica pode ser alcançado através de documentos oficiais, análises de religiosos e leigos nas revistas especializadas e através de trabalhos encomendados pela hierarquia.

Esse material evidencia algumas estratégias da autoridade religiosa em relação aos movimentos da Igreja e a própria organização da instituição no universo católico mais amplo.

Também na interação das estratégias do Movimento Carismático e da Igreja Católica é possível alcançar parte da história do catolicismo no Brasil, tão importante para a história do país, sendo a tradição católica parte constituinte de nossa cultura.

Enfim, este livro traz uma história da Renovação Carismática, mostrando as modificações e adaptações pelas quais o Movimento passou no compasso de seu estabelecimento no Brasil, desde os anos 1970 até seu apogeu nos anos 1990.

Capítulo 1

Combate no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações

*Adam and Eve live
Down the street from me
Babylon is every town
It's as crazy
As it's ever been
Love's a stranger
All around*

Run to the water, Live

I – A Igreja e o Vaticano II

Ao ser compreendido como marco de renovação da Igreja, o Concílio Vaticano II (1962-1965) possibilitou a formação de novos movimentos, principalmente aqueles de iniciativa leiga. Direta e indiretamente, o Concílio promoveu o redimensionamento da atuação dos leigos dentro da Igreja, não apenas através dos decretos sobre o apostolado leigo, mas também em decretos referentes à educação cristã, à liberdade religiosa, à ação missionária, entre outros.

O Vaticano II representou para a Igreja atual e os movimentos que a compõem a efetivação de muitas práticas e orientações em desenvolvimento desde décadas antes da reunião conciliar, em especial no que dizia respeito ao diálogo da Igreja com o mundo, a união dos cristãos e a manutenção de sua posição na sociedade. O Concílio pareceu legitimar o processo de “renovação” implementado por iniciativas como a da Ação Católica – grupo leigo de apoio à hierarquia católica na *recristianização* da sociedade em várias frentes, como no trabalho, na família, nas escolas –, fundada em 1922 pelo papa Pio XI, em especial pela participação leiga, estimulada inicialmente pelas autoridades eclesiais, em nome da renovação institucional da Igreja⁴.

Da mesma forma, no processo de “abertura de diálogo” com o mundo, e pela ação de grupos do meio católico, o Vaticano II também foi marcado pelo tema do ecumenismo, em discussão desde o século XIX (diálogo Roma-Inglaterra, 1895), mas, que ganhou fluência após o Vaticano II e a publicação do Decreto *Unitatis Redintegratio*, que propôs a união entre os cristãos⁵.

Esses dois elementos, a atuação leiga e o ecumenismo, são primordiais para a compreensão da Renovação Carismática Católica. Nascida logo após o término do Vaticano II, a Renovação Carismática encontrou em suas escolhas

4 DAL CORSO, M. Paróquia e Religião do Povo, in: TORRES-LONDOÑO, F. *Paróquia e Comunidade no Brasil, perspectiva histórica*, São Paulo, Paulus, 1997, pp.171-208.

5 O termo ecumenismo é usado para os movimentos que, desde o século XIX, almejam a união entre os cristãos de diferentes denominações e igrejas. Na Igreja Católica, o movimento ecumênico ganhou impulso a partir dos anos 1950, quando observadores católicos foram enviados oficialmente a uma conferência ecumênica internacional (Conferência de Lund). (Cf. SCHLESINGER, H. & PORTO, H. *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, Petrópolis, Vozes, 1995, v. I, p. 900. Ver também, TAVENAU, René. El segundo concilio Vaticano y las transformaciones de la Iglesia. In: BRELICH, A. (org.). *Historia de las Religiones*, Madrid, Siglo XXI, 1996 – v. 8, pp. 108-111).

a legitimação de existência e práticas. Mas o Movimento Carismático foi depositário de uma herança católica muito maior, que vai além do Concílio Vaticano II e que também estava nos modelos pré-conciliares de organização, na busca de renovação da Igreja, inerente ao discurso da Igreja e na crença na manifestação do poder do Espírito Santo.

II – A Igreja Católica e os Movimentos do Espírito⁶

Os movimentos do Espírito Santo remontam aos primeiros séculos da era cristã. Um dos primeiros grupos registrados foi o dos Montanistas (século II), conhecidos por suas práticas proféticas e glossolálicas⁷. Os Montanistas confrontaram a autoridade hierárquica, menos por questões dogmáticas e mais por darem aos seus profetas supremacia frente aos líderes católicos⁸. Este conflito entre a hierarquia carismática e a hierarquia oficial acabou na excomunhão dos Montanistas por heresia⁹.

6 Durante a história da Igreja Católica surgiram muitos movimentos de renovação baseados na crença de inspiração divina atribuída ao Espírito Santo. Designados, muitas vezes, como *entusiasmos* (termo, em grego, significando *arrebatamento divino*). Estes movimentos podem ser definidos pelo saudosismo de uma Igreja Primitiva idealizada, numa reação diante da “decadência social e corrupta” que também atingiria as estruturas da Igreja (KNOX, R. A. – *Enthusiasm*, Inglaterra, Oxford, 1950 (Citado por LAURENTIN, R. *Pentecostalismo entre católicos: riscos e futuro*, Petrópolis, Vozes, 1977, p. 149-150).

7 Glossolalia é a suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso.

8 Sobre o Montanismo, cf. José Grau. *Catolicismo Romano, Orígenes y desarrollo*, 2 vols. Ediciones Evangélicas Europeas, Barcelona, 1990. (Cf. URL: <http://www.cristianismo-primitivo.com/montanismo.htm>).

9 “[...] Na Teologia, a palavra heresia é, geralmente, definida como uma doutrina contrária aos dogmas de uma igreja ou de uma religião. A palavra ainda é utilizada em sentido figurado como opinião ou doutrina diferente às ideias recebidas e, popularmente, pode ser usada para significar disparate, absurdo, contrassenso. *O que é Heresia?*. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/o-que-e-heresia-2/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

Nos primeiros três séculos do segundo milênio, iniciativas como a de São Francisco de Assis foram progredindo, apesar das tentativas fracassadas da Igreja de impedir a formação de ordens religiosas¹⁰. No mesmo período, o líder profético Joaquim de Fiore foi alvo de censura doutrinal por suas ideias a respeito da Trindade e das três idades da história, em que enfatizava o papel do Espírito Santo. Ao tocar em tema tão controverso com relação às Pessoas da Trindade, de Fiore conseguiu a oposição dos teólogos latinos, porém, marcou grupos e teólogos posteriores, tanto através de suas ideias quanto de suas profecias¹¹.

A instituição católica tem estratégias constantes. As estratégias da Igreja em relação a esses movimentos não são únicas, variando de acordo com o período em que essas correntes surgem. Mas, segundo Laurentin, de modo geral, a instituição tem agido da seguinte forma:

[...] oscilado entre duas soluções-limites:

- rejeição, exclusão, excomunhão;
- recuperação nos quadros; assimilação ao sistema em detrimento da vitalidade e extinção do Espírito com os carismas.¹²

10 Decretada no IV Concílio de Latrão (1215) e reafirmada no II Concílio de Lião (1274), a proibição de fundar ordens religiosas não teve sucesso, mas, segundo Laurentin, evidenciou a tensão entre carisma e instituição. (Cf. LAURENTIN (1977), op. cit., p. 154).

11 WEST, D. & ZIMDARS-SWARTZ, S. *Joachim of Fiore*, Bloomington, Indiana University Press, 1993.

12 LAURENTIN (1977), op. cit., pp. 159-160. Não foi apenas a Igreja Católica que, ao longo de sua história, viu surgir vários movimentos espirituais. Após a reforma protestante, movimentos do Espírito também surgiram nas igrejas da reforma, como o Pietismo (século XVII-XVIII) entre os luteranos. Porém, o movimento do Espírito mais marcante entre os protestantes foi o pentecostalismo (século XIX) que, oriundo das Igrejas Metodista e Batista (principalmente), deu origem a várias denominações, como Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Igreja do Nazareno etc. (Sobre Pentecostalismo, cf. CAMPOS JR, L.C. *Pentecostalismo*, SP, Ática, 1995). Ainda no Pentecostalismo, os anos 1950 trouxeram movimentos

Não é objetivo deste trabalho fazer uma análise exaustiva dos movimentos do Espírito, mas mostrar como a Renovação Carismática Católica está inserida em uma tradição cristã antiga.

III – O Surgimento da Renovação Carismática Católica

O Movimento Carismático Católico nasceu nos Estados Unidos estimulado por avivamentos pentecostais que proliferavam nas igrejas protestantes durante os anos 1950 e 1960¹³. O evento fundador da Renovação Carismática Católica foi o retiro realizado em conjunto por professores e alunos católicos da Universidade de Duquesne, Pittsburg, em 1967. Neste retiro, orientados por carismáticos presbiterianos¹⁴, o grupo de Duquesne orou pedindo o Batismo no Espírito Santo e a manifestação de dons carismáticos como os descritos por São Paulo em sua segunda carta

de avivamento que refletiram também nas igrejas protestantes históricas e, em algum grau, na Igreja Católica.

- 13 CAMPOS MACHADO, M.D. *Carismáticos e Pentecostais*, Campinas, Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996, pp. 45-46. A expansão mundial do pentecostalismo histórico (originário do século XIX) foi promovida, principalmente, pelo número acentuado de missionários norte-americanos no exterior, além de estrangeiros moradores nos Estados Unidos, que levaram o pentecostalismo para outros países – talvez o caso mais conhecido seja o da Congregação Cristã e seu fundador, Luigi Francescon. As igrejas pentecostais chegaram ao Brasil no começo do século XX, quando ainda se estabeleciam nos Estados Unidos, fato que, segundo Freston, garantiu ao país a formação de um pentecostalismo autóctone, sem as relações de dependência que caracterizavam as missões de igrejas históricas (Cf. FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro, in: ANTONIAZZI, et. al. *Nem anjos, nem demônios*, Petrópolis, Vozes, 1994, p. 75).
- 14 Sobre carismáticos de denominações protestantes, cf. JONES, C. E. Symbol and Sign in the Methodist Holiness and Pentecostal Spirituality, in: MILLER, T. *America's Alternative Religions*, State University of New York Press, Albany, 1995, pp.23-31; QUEBEDEAUX, R. *The New Charismatic*, San Francisco, Haper and Row, 1983; SYNAN, U. *The Holiness – Pentecostal Movement in the United States*, Grand Rapids, Michigan Eerdmans, 1971.

aos Coríntios¹⁵, pedido este, que consideraram atendido durante o evento.

Nos Estados Unidos, o Movimento Carismático Católico manteve características ecumênicas, com grupos mistos de fiéis católicos e protestantes e grande apelo através da busca pela cura divina¹⁶. Um dos principais líderes da Renovação Carismática nos Estados Unidos foi o padre redentorista Thomas Forrest (1927-2018) que, ainda nos anos 1970, organizou grandes eventos do Movimento Carismático voltados, principalmente, para a cura divina: seu grupo de apoio sempre teve membros de igrejas protestantes e o padre Forrest esteve ligado a movimentos ecumênicos junto à Renovação Carismática e à Igreja Católica¹⁷.

Depois da expansão interna norte-americana, a recém-nascida Renovação Carismática Católica se expandiu pela Europa, Ásia e América Latina, ainda nos anos 1960. A expansão acelerada deveu-se, sobretudo, ao trabalho missionário de leigos e religiosos engajados no Movimento Carismático.

Em função do sucesso entre os católicos norte-americanos, além da forte atração que os dons carismáticos exerciam sobre as comunidades, a Renovação Carismática Católica não tardou a chegar na América Latina. Missões

15 CNS/RCC. *Renovação Carismática Católica: o que é?*, Brasília, julho de 1984. O Batismo no Espírito Santo e os dons carismáticos eram temas e práticas correntes nos grupos de avivamento que proliferavam no período nos Estados Unidos, e ainda estão presentes em várias denominações com influência pentecostal.

16 Para os carismáticos, a cura divina seria investida pelo Espírito Santo aos fiéis aptos a desenvolverem este dom. Estes escolhidos teriam a capacidade de, através da imposição de mãos, ministrar a cura aos enfermos, afligidos, tanto pelos males físicos, quanto pelos espirituais e psicológicos.

17 Cf. URL: <https://dev-iccrswp.day50communications.com/pt/home-pt/> – ICCRS History. O padre Thomas Forrest é considerado um dos primeiros líderes da Renovação Carismática Católica.

carismáticas lideradas por jesuítas e dominicanos rumaram para diversos países latino-americanos a convite de autoridades eclesiais¹⁸.

A Renovação Carismática chegou no Brasil no final dos anos 1960, começo dos anos 1970, trazida por jesuítas norte-americanos. O padre Eduardo Dougherty é reconhecido como o precursor do Movimento Carismático no Brasil, sendo responsável pela formação dos primeiros grupos de oração na cidade de Campinas, com participantes dos Cursilhos de Cristandade. Através de suas atividades formou um grupo de religiosos engajados na Renovação Carismática, entre eles o jesuíta norte-americano Haroldo Rahm (1919-2019), outro destacado membro da Renovação Carismática Católica no Brasil.¹⁹

A atuação dos bispos brasileiros junto à Renovação Carismática aconteceu a partir do estabelecimento de grupos de oração e o começo da expansão do Movimento²⁰. Ainda no começo dos anos 1970, os líderes carismáticos – principalmente pela ação do padre Haroldo Rahm junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – tiveram

18 Um destes países foi a Guatemala, onde leigos e religiosos locais estabeleceram grupos de oração e comunidades carismáticas. Inicialmente, havia a presença de membros de denominações cristãs não católicas, mas com o passar do tempo, com a atuação das autoridades religiosas locais e a adesão de leigos católicos, essa participação foi diminuindo (Cf. DELGADO VARELA, J.M. "Renovación Carismática Católica en Guatemala", in: *Estudios Teológicos*, nº 4, 1975, pp. 227-260).

19 CNBB. *Comunicação Mensal*, Maio de 1973, nº 248, pp. 654-655; Documento 01511 da CNBB, 19 de julho de 1973; Documento 02377 da CNBB, 7 de agosto 1974, Documento 02446 da CNBB, 14 de agosto 1974; RAHM, H. *Sereis Batizados no Espírito*, São Paulo, Loyola, 1972.

20 Mapear a expansão do movimento não é tarefa fácil, mas, tomando por base os documentos da Igreja Católica de meados da década de 1970, em poucos anos a Renovação Carismática teria alcançado 58 das 128 dioceses brasileiras partindo de seu núcleo principal, a cidade de Campinas (Cf. CNBB. *Renovação Carismática Católica: XV Assembleia Geral da CNBB*, Documento 05585, 11 de maio de 1977, CNBB, Biblioteca INP, Brasília/DF).

autorização do bispado brasileiro para organizar a *Comissão Nacional de Serviço*, com sede em Brasília.

O estabelecimento da Renovação Carismática foi peculiar a cada região. Assim, ao abordar a história do Movimento Carismático em lugares como Europa e Estados Unidos é possível visualizar como os carismáticos católicos – mesmo tendo um caráter transnacional, organizado por várias camadas hierárquicas comuns, incluindo conselhos internacionais – seguiram caminhos diferentes na América Latina e África. Essa diferença não está ligada simplesmente ao fato da Renovação Carismática ter sido importada dos Estados Unidos ou da Europa, mas pelos contextos regionais. O Movimento Carismático na Europa e Estados Unidos está fortemente vinculado a organizações e movimentos ecumênicos²¹, enquanto na África e América Latina a Renovação Carismática parece seguir um caminho voltado para questões sócio-político-cultural-econômicas²².

É interessante notar que o aspecto ecumênico da Renovação Carismática norte-americana tende a desaparecer nos países da América Latina, motivado, talvez, pela ausência de uma forte tradição protestante. No Brasil, a presença de grupos mistos – compostos de católicos e protestantes – não é citada nos trabalhos sobre a Renovação Carismática, o que não significa sua ausência, mas a pouca

21 Cf. URL: <https://dev-iccrswp.day50communications.com/pt/home-pt/>. ICCRS History; URL: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1361767042000251618>. "The impact of the charismatic movement on the Roman Catholic Church", Peter Hocken.

22 Além das questões sociais, o universo religioso latino-americano é povoado por denominações, igrejas e religiões muito numerosas e/ou simbolicamente ricas (as divindades da Umbanda e Candomblé, no Brasil, e os "feiticeiros", na África), trazendo uma preocupação a mais aos fiéis, principalmente em relação ao medo dos "feitiços", "trabalhos", "demônios", enfim, do ataque mágico dessas religiões.

força dessa participação e a tendência dos grupos em se manterem exclusivamente em meio católico²³.

Por ter seu impulso inicial numa cultura protestante e diretamente influenciada pelo pentecostalismo protestante, a RCC possui práticas muito próximas à sua correspondente protestante: a crença no Batismo no Espírito Santo; a manifestação dos dons carismáticos, como o dom de línguas, profecia e cura; os louvores e as canções; o biblicismo; e a utilização das mídias.

Mesmo que tais práticas tenham sido, em algum grau, herdadas dos pentecostais protestantes, elas são justificadas pelos carismáticos católicos contemporâneos nas Escrituras, como uma forma de garantir a legitimidade de suas práticas.

Uma das formas encontradas pelo Movimento Carismático, nos seus primeiros anos de vida, para ganhar a simpatia e a participação do clero foi, através de sua literatura, demonstrar “docilidade” em relação à autoridade institucional e o culto mariano²⁴, diminuindo o efeito negativo que a proximidade com as práticas pentecostais protestantes poderia ter, além de reafirmar a Renovação Carismática Católica como uma renovação cristã autêntica:

Uma das provas mais evidentes de que se trata de uma Renovação Cristã autêntica está no fato de não afastar as pessoas das práticas tradicionais da religião. Pelo contrário, dá-lhes, de maneira notável, um amor maior pelo

23 O ecumenismo na Renovação Carismática Católica norte-americana talvez se justifique pelo catolicismo ser minoritário nos Estados Unidos e estar inserido numa cultura protestante. No caso latino-americano, a Igreja Católica tem um status “oficial”, principalmente pela influência cultural.

24 Cf. ROSAGE, msgr D.; TUNINK, D.W. e CLAYPOOL, J. *Maria e o Espírito Santo*, São Paulo, Loyola s.d.

santíssimo sacramento, uma devoção mais profunda pela celebração eucarística [...] e, muitas vezes, uma nova e maravilhosa apreciação do papel de Nossa Senhora na vida cristã [...]²⁵

Há a tendência em dar-se ao Movimento Carismático uma identidade católica, inclusive apontando o Concílio Vaticano II como real gestor da Renovação: *Podemos dizer que João XXIII foi o precursor da Renovação Carismática [...] O Concílio foi o início desse Pentecostes que hoje se vê realizar em toda a Igreja.*²⁶

Assim, o Concílio Vaticano II teria garantido – com as medidas referentes ao apostolado leigo, o ecumenismo e as mudanças litúrgicas – a sobrevivência do Movimento Carismático dentro da Igreja Católica²⁷.

Nas análises acadêmicas sobre a Igreja Católica na América Latina, a semelhança da Renovação Carismática Católica com o pentecostalismo protestante é interpretada como um recurso da Igreja na disputa de mercado com as denominações religiosas pentecostais protestantes que

25 RAHM (1972), op. cit., p. 19. Nos anos subsequentes, esta ênfase nas diferenças com o pentecostalismo protestante foi suavizada, mas ainda aparece na literatura carismática (1881-1963)

26 CNS/RCC (1984), op. cit. – João XXIII foi o idealizador do Concílio Vaticano II. Em 1959, meses após sua posse, ele teria demonstrado o interesse em convocar um concílio ecumênico, que foi aberto em 1962. A ideia da Renovação Carismática como um “novo Pentecostes” vem exatamente das palavras proferidas na abertura do Concílio, relacionadas à necessidade de um novo Pentecostes para a Igreja – se o evento bíblico do Pentecostes marcou a fundação da Igreja, um novo Pentecostes seria seu renascimento.

27 Na literatura carismática é comum encontrar embasamentos para a participação leiga e os dons carismáticos nos decretos do Concílio Vaticano II. Cf. FORREST, padre T.; CUARTAS, padre J e GAVRILIDES. *O dom de línguas*, São Paulo, Loyola, s.d. – col. Novo Pentecostes; VÁRIOS – *A experiência de Pentecostes*, São Paulo, Loyola, 1986; col. Novo Pentecostes.

proliferavam na região²⁸. No Brasil, a hipótese de “disputa do mercado religioso” entre católicos e denominações pentecostais como as Igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça motivaram muitas análises sobre a Renovação Carismática, apoiadas, principalmente, em terminologias economicistas que caracterizam os movimentos religiosos a partir do número de membros e das horas disponíveis nas mídias²⁹.

Esse tipo de abordagem se justifica pela organização do próprio Movimento Carismático. A formação dos líderes da Renovação Carismática, através da Escola Paulo Apóstolo, utiliza conceitos de marketing e os empreendimentos do Movimento Carismático são organizados com estratégias empresariais³⁰, como pode ser notado na *Associação do Senhor Jesus*, do padre Eduardo Dougherty.

Contudo, nas análises acadêmicas e das mídias, as motivações religiosas do Movimento são deixadas de lado e as manifestações carismáticas surgem como apelos de marketing na disputa por fiéis. Enfim, a dimensão devocional dá espaço à livre concorrência religiosa e às medidas publicitárias das igrejas e denominações³¹.

28 A imprensa no Brasil também interpretou a RCC a partir de uma visão comercial e de disputa com as denominações pentecostais protestantes brasileiras. Cf. OYAMA, T. & LIMA, S. Católicos em Transe, in: *Revista Veja*, São Paulo, ed. Abril, n. 14, 08 de Abril/1998; JUNQUEIRA, E. Uma estrela no altar, in: *Revista Veja*, São Paulo, ed. Abril, n. 44, 04 de Novembro de 1998; KLINKE, A.; ALCALDE, L. & SIMAS FILHO, M. Ele começa a incomodar, in: *Revista Istoé*, São Paulo, Ed. 3, n. 1.524, 16 de dezembro de 1998.

29 Cf. BARROS, JR., F.O. *Queremos Deus na Aldeia-Aldeota: a RCC na Arquidiocese de Fortaleza*, Dissertação de Mestrado, SP, PUC, 1993; DÁVILA, B.M.C. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1998; VIEIRA, N. P. – *Atuação da Renovação Carismática Católica no Campo Social*, Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 1996.

30 EPA – *A Fé e o Marketing: Módulo Missão*, São José dos Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, s.d. – Apostila 1.

31 Mesmo sendo um aspecto relevante nas análises sobre a RCC, o “mercado religioso” não será aqui abordado, uma vez que não é o ponto central desta análise.

IV – A Renovação Carismática *versus* Teologia da Libertação

É comum que estudos sobre a Renovação Carismática Católica enfatizem sua *oposição* à Teologia da Libertação. O Movimento Carismático foi definido como arma da ala conservadora da Igreja Católica frente aos progressistas da Teologia da Libertação nos países da América Latina.

A Teologia da Libertação foi um movimento de renovação do pensamento teológico idealizado por padres da América Latina, tendo como característica básica o engajamento social da Igreja através de uma “opção preferencial pelos pobres”, ou seja, com ações voltadas aos sócio-econômico-politicamente excluídos, instrumentalizados através da Bíblia e de um pensamento político específico na [...] *perspectiva de transformação social e de ruptura com os laços de dependência com os países de capitalismo avançado* [...] ³². Depositária desta orientação teológica, a Igreja Progressista esteve e ainda está presente em paróquias brasileiras, contando com a aquiescência e participação de vários bispos e arcebispos.

Quando a Renovação Carismática se estabeleceu na Igreja do Brasil nos anos 1970, a Teologia da Libertação estava presente em várias paróquias e com grande representação na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Desde a década de 1950, a Igreja brasileira passava por mudanças significativas, motivadas pela industrialização

32 SOARES, Claudete G. *Teologia da Libertação no Brasil: aspecto de uma crítica política-teológica à sociedade capitalista*, Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 2000, p. 15. Não é objetivo deste trabalho aprofundar-se na análise da Teologia da Libertação. Sua breve descrição faz-se necessária pelas relações mantidas com a Renovação Carismática Católica, sem contudo invocar uma observação exaustiva de sua História e pensamento.

acelerada, a migração, o crescimento urbano e sua carga de novas visões de mundo (atreladas, também, a correntes religiosas como o protestantismo, o Espiritismo e a Umbanda), elementos que contribuíram para a alteração da sociedade e, consequentemente, do perfil dos fiéis católicos³³.

As mudanças sociais exigiram da Igreja a reestruturação de suas estratégias. A Ação Católica, instrumento eclesial desta reestruturação, adotou um novo modelo organizacional baseado em categorias sociais: lavradores, operários, estudantes secundaristas, universitários. Isto trouxe para dentro da Igreja as dificuldades desses grupos, de forma que ela fosse, ao menos em parte, compelida a atuar em nome de suas causas.

A Ação Católica Especializada (principalmente os grupos ligados ao meio estudantil), no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, aproximou-se dos movimentos políticos de esquerda, incorporando a crítica ao capitalismo. Suas iniciativas estimularam os movimentos de reforma de base, como na área de educação (MEB – Movimento de Educação de Base) e em relação à reforma agrária. Contudo, havia um descompasso entre o ideal de reformas na concepção da CNBB e dos movimentos especializados da Ação Católica: enquanto a CNBB pretendia uma reforma de base que evitaria uma convulsão social (uma revolução como aquela vista em Cuba), setores da Ação Católica pretendiam uma reforma profunda, modificando todo o sistema de relações sociais no Brasil. O radicalismo desses setores levou ao afastamento e retirada de apoio por parte da CNBB que, mesmo investindo ainda nos projetos sociais e de reformas

33 TANGERINO, M. *A Política na Igreja do Brasil*, Campinas, Ed. Alínea, 1997, p. 93.

de base, tentava evitar a aproximação excessiva com as políticas de esquerda e o radicalismo de seus projetos³⁴.

Com a ascensão do governo militar após o golpe de 1964, a Igreja manteve suas reformas pastorais e a articulação com os setores populares e suas causas (em 1968, a Conferência de Medellín impulsionou a temática da Teologia da Libertação que

[...] ao mesmo tempo que representou uma sistematização de reflexões suscitadas pelos diversos tipos de práticas de sectores da Igreja, no Brasil e em outros países da América-Latina, junto às classes populares, permitiu também que esses mesmos setores buscassem, cada vez mais, fundamentar suas práticas nessa teologia³⁵

mantendo, porém, uma postura reticente em relação ao governo, excetuando os grupos de linha conservadora, como a TFP (Tradição, Família e Propriedade) formada pela classe média católica e parcelas da burguesia, cujo apoio aos militares era aberto³⁶.

Após o Ato Institucional nº 5 (1969) e a intensa repressão ocorrida, que atingiu também membros leigos e religiosos da Igreja, a CNBB passou a repudiar as ações do regime, tanto em relação aos problemas econômico-sociais quanto ao desrespeito aos direitos humanos³⁷. A década que se seguiu após a edição do AI5 mostrou a Igreja Católica como única instituição capaz de resistir ao regime militar, passando a ocupar o espaço de oposição à Ditadura no Brasil. O desmantelamento e perseguição aos

34 TANGERINO, M. (1997), op. cit., pp. 95-98.

35 TANGERINO, M. (1997), op. cit., p. 113.

36 BEOZZO, J. A *Igreja do Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1993, p. 89.

37 TANGERINO, M. (1997), op. cit., pp. 106-107.

movimentos, partidos e organizações de esquerda deu força aos grupos formados na Igreja (como as Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral da Terra, Juventude Operária e Ação Católica Operária, ou seja, aqueles ligados às ações sociais da Igreja), trazendo parcela significativa das classes populares e de pessoas resistentes ao governo.

Enfim, a década de 1970, marcada por mudanças políticas, econômicas e sociais, levou a Igreja Católica brasileira a aprofundar mudanças que se insinuavam desde os anos 1950, principalmente em sua relação com a sociedade e seu engajamento no combate aos problemas sociais do país. Na junção da situação socio-econômico-cultural-política do período com as reformas intrainstitucionais referendadas pela Teologia da Libertação, a Igreja Católica assumiu o papel de oposição ao governo militar e passou a abraçar as causas populares, criando um bloco progressista significativo na CNBB.

Nos anos 1980, com a ascensão do Papa João Paulo II (1920-2005), houve nova mudança na postura da Igreja em relação ao empenho social que, aliada à ofensiva interna frente a Igreja Popular e desarticulação dos referenciais sociopolíticos da Teologia da Libertação, produziu a desaceleração do crescimento das Comunidades Eclesiais de Base (materialização das ideias da Teologia da Libertação) e a modificação de suas ênfases no campo social.

O papado, iniciado em 1978, ficou conhecido pela:

[...] organização e o lançamento de uma forte ofensiva conservadora, marcada pela ortodoxia doutrinária, pelo apoio à centralização nas decisões e por uma revitalização do papado e, em geral, das hierarquias católicas³⁸.

38 EZCURRA, A.M. *O Vaticano e o Governo Reagan*, São Paulo, Hucitec, 1984, p. 85.

Essa ofensiva conservadora, entretanto, já existia desde os anos 1970, uma vez que a supremacia progressista na Igreja Latino-americana não significou seu desaparecimento. O Conselho Episcopal Latino-Americano, a partir de 1972, esteve sob o controle de sua ala conservadora, levando à perseguição de teólogos progressistas, ao ataque à Teologia da Libertação e à Igreja Popular³⁹. O exemplo mais marcante da atuação conservadora na América Latina talvez seja o documento da Assembleia de Puebla (1979), cujo teor é menos progressista do que o documento de Medellin, produzido na década anterior.

A isto, somam-se a formação da Aliança Euro-Latina, financiada por uma ala conservadora do clero alemão⁴⁰; o estímulo a entidades conservadoras como a Opus Dei; no Brasil, a nomeação do bispado que passou a ser exclusiva do Núncio Apostólico, retirando a CNBB do processo de escolha; e, no caso latino-americano, houve ainda os processos por parte da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé contra teólogos da libertação⁴¹.

39 TANGERINO, M. (1997), op. cit., p. 125.

40 De caráter transnacional, a Aliança Euro-Latina pretendia tirar a Igreja das discussões políticas e trazê-la às questões puramente religiosas.

41 Os embates entre a cúpula católica e os líderes da Teologia da Libertação estiveram ligados, principalmente, à utilização das teorias marxistas como instrumento de análise por parte dos teóricos da Teologia da Libertação. As propostas de reforma estrutural da Igreja Católica indicadas pela Teologia da Libertação foram recebidas como desvios de fé, assim: 'Com essa Instrução [Instrução sobre alguns aspectos da 'Teologia da Libertação', setembro de 1984], a cúpula católica reagiu à tentativa de reforma no pensamento católico, proposta pelos teólogos da libertação, como desvios da fé. Pela exposição aqui realizada dos principais pontos dessa Instrução, representativos do discurso católico oficial, viu-se que a Sagrada Congregação conferiu à TdL uma radicalidade que ela de fato não tinha, nem no que se refere ao uso da violência revolucionária, pelo menos como uma prática cristã, nem ao uso do marxismo como uma visão totalizante do mundo. No entanto, as restrições à TdL não se circunscrevem apenas a esses pontos. A Sagrada Congregação repôs os vários aspectos da concepção tradicional católica do homem e da sociedade que os teólogos pretendiam reformar: o caráter universalizante

Todos esses elementos evidenciam como o papado de João Paulo II investiu na desarticulação da Igreja Popular e possibilitou o crescimento das correntes conservadoras católicas.

No caso extrarreligioso, a abertura política de meados da década de 1980 possibilitou a organização de movimentos civis voltados para a resolução dos problemas sociais e políticos, passando os grupos católicos a figurarem como mais uma opção dentre as possíveis. Em suma, a Igreja perdeu sua posição de única opção frente aos problemas sociais do período, dividindo esta função, a partir daquele momento, com os partidos políticos, organizações de bairro, e diversas outras entidades sociais que, cabe ressaltar, foram também geradas dentro da Igreja Popular.

Esta conjuntura interna e externa produziu modificações nos grupos inspirados pela Teologia da Libertação. Os projetos mais radicais de mudanças profundas na sociedade foram sendo amenizados, deslocando as discussões para o campo da solidariedade, da ecologia, das identidades raciais, entre outros.

No mesmo período em que a Teologia da Libertação e seus movimentos passavam por estas modificações, a Renovação Carismática, que vinha crescendo desde os anos 1970, apareceu aos observadores da Igreja e para as mídias de forma mais recorrente. Por suas características voltadas

da fé católica, como uma verdade que paira acima da sociedade terrena e dos condicionamentos históricos; a autoridade da Igreja hierárquica em detrimento de uma Igreja do Povo; o princípio da obediência doutrinária; o individualismo católico, o homem é concebido individualmente em sua relação com o divino; o pobre, entendido como pobre de coração; o maniqueísmo católico, as diferenças na sociedade explicam-se pela oposição entre o bem e o mal. A Sagrada Congregação, ao não aceitar a renovação que propõe a TdL nesses pontos, a renegou como uma falsa teologia, não condizente com a fé católica". (SOARES, op. cit. 2000, p. 120).

mais ao campo espiritual do que às questões sociais e políticas, o Movimento Carismático foi interpretado como “opositor natural” das Comunidades Eclesiais de Base. A Renovação Carismática seria o movimento escolhido pelo Vaticano para reencaminhar os fiéis católicos⁴².

Contudo, alguns pontos parecem ser ignorados dentro desta interpretação: a relação entre Movimento Carismático e Teologia da Libertação justifica-se pela história da Igreja na América Latina das últimas décadas, mas a *oposição* é uma construção posterior, uma vez que o esmorecimento da Teologia da Libertação foi engendrado pela cúpula vaticana, sendo uma questão de embates teológicos entre Roma e os padres da Igreja Progressista latino-americana. Deve ser mencionado, ainda, o próprio desgaste da Igreja Popular (como era conhecida a parcela da Igreja Católica brasileira que se orientava pela Teologia da Libertação) frente ao novo contexto político e social da região a partir dos anos 1980, com o processo de democratização, abertura política e o fim das ditaduras militares.

Durante o período em que a Teologia da Libertação esteve no comando da Igreja brasileira, a Renovação Carismática se estabeleceu nos meios católicos e teve apoio da hierarquia. O Movimento foi acompanhado pela Igreja, fez concessões frente às críticas recebidas (principalmente aquelas referentes

42 Cf. BARROS, JR., F.O. (1993) op. cit.; STEIL, C.A. A igreja dos pobres e o catolicismo no Brasil, in: *VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998; VIEIRA, N. P. (1996) op. cit.; PRANDI, R. *Um sopro do Espírito*, SP, EDUSP, 1997. Os trabalhos acadêmicos que exploram a “oposição” RCC-Teologia da Libertação partem do pressuposto de que houve um avanço conservador do Vaticano para a reconquista dos fiéis “afastados pela ênfase desmedida na política por parte da Igreja Progressista”, sendo a Renovação Carismática uma arma para esta reconquista.

ao compromisso social) e fortaleceu suas posições no campo católico.

A expansão da Renovação Carismática, em suma, tem menos relação com a desestabilização da Teologia da Libertação do que o propalado. O contato entre os grupos dessas duas correntes, naquele momento, estava reservado ao âmbito paroquial, sem que tenhamos encontrado algum embate significativo entre eles. A “tensão” que pudesse existir entre a linha carismática e a Teologia da Libertação geraram debates e negociação de suas diferenças.⁴³

Cabe observar que a Igreja Católica sempre teve por característica a multiplicidade de movimentos religiosos dentro de sua instituição. Legião de Maria, Opus Dei, Vicentinos, Comunidades Eclesiais de Base, Renovação Carismática Católica, são apenas alguns dos exemplos de movimentos presentes dentro da Igreja. São os segmentos sociais que os compõem e a forma como respondem aos projetos da Igreja que definem as peculiaridades de cada grupo. Esse tipo de organização também permite à Instituição manter o controle sobre o número de fiéis, dando-lhes a ideia de pertencimento e o sentimento de unidade, essencial para a permanência da Igreja.⁴⁴

Essa multiplicidade demonstra a capacidade de autorreprodução da Igreja. A autoavaliação constante permite ao catolicismo acompanhar as mudanças na sociedade onde atua através dos diversos grupos e movimentos internos, mantendo um discurso original sem, contudo, ferir seus valores mais tradicionais. Segundo Roberto Romano,

43 Fernandes, S. “Diferentes olhares, diferentes pertenças: Teologia da Libertação e MRCC, in: *REVER*, n. 3. URL: <http://www.pucsp.br/rever/outronum.htm>.

44 CANETTI, E. *Massa e Poder*, São Paulo, Melhoramentos, 1983, p. 24.

referindo-se ao papel da Igreja na sociedade brasileira e sua relação com o Estado,

[...] os católicos não se limitaram a resistir à cultura e às instituições produzidas por estas elites secularizantes: *criaram, além disso, suas próprias vanguardas intelectuais e forjaram um discurso político com características próprias, dentro de parâmetros que só eles poderiam recolher*⁴⁵ (grifo nosso).

A Renovação Carismática e a Teologia da Libertação, por exemplo, surgiram na mesma época, atingindo grupos específicos dentro da Igreja Católica, mas, com um mote geral e recorrente em todos os movimentos que floresceram no período: trazer a Igreja para junto da sociedade, restabelecendo os laços entre os homens e Deus, sem abalar a hierarquia.

Este ideal que perpassa a maioria dos grupos formados dentro da Igreja assume feições diversas, de acordo com o período em que é enfatizado ou os diferentes movimentos que congrega. Durante o século XIX, por exemplo, o Concílio Vaticano I foi instrumento da Igreja na reafirmação de seu papel espiritual dentre os homens diante de uma conjuntura política desfavorável⁴⁶.

Marcando o lugar da Igreja na sociedade e a necessidade de firmar os laços entre Deus e os homens, a hierarquia católica e os grupos que a compõem denunciam os “males de um mundo sem a Igreja”, atualizando a importância de sua presença no mundo.

45 ROMANO, R. *Brasil: Igreja contra Estado*, São Paulo, Ed. Kairós, 1979, p. 12.

46 Sobre o concílio Vaticano I, cf. BRELICH, A. (1996), op. cit.

V – O discurso da crise

A Igreja Católica, correntemente, utiliza o discurso da perda dos valores religiosos pela sociedade, o afastamento da Igreja do mundo, os problemas sociais pela falta de fé, ou seja, o “discurso da crise” religiosa. Há muito tempo a retórica católica toca nesses mesmos pontos, sem, contudo, diminuir a intensidade de suas atividades e a expansão de sua presença religiosa. O discurso da crise compõe a imagem da Igreja: a sociedade moderna, secularizada e materialista incidiria sobre a Igreja promovendo sua “crise” e retrocesso, através da perda de fiéis, a diminuição de seu espaço na sociedade e o enfraquecimento dos valores morais cristãos. Contudo, a sociedade secular estaria exposta à injustiça, ao egoísmo e à solidão (frutos da modernidade), sendo a Igreja a solução para estes e outros males.

De forma geral, ao expor esta “crise”, a Igreja também reforça seu papel como salvadora da sociedade. Através da propaganda de sua renovação e do reforço de suas relações com o mundo, atrai os indivíduos em busca de salvação ou da *cura* para seus problemas seculares. Tais estratégias não reforçam apenas a atuação dos fiéis católicos, mas estimulam o retorno daqueles indivíduos afastados da comunidade religiosa⁴⁷.

A retórica da crise religiosa não é exclusiva da Igreja Católica, sendo utilizada por várias denominações cristãs, principalmente no que diz respeito à origem dos males seculares na “falta de fé”. O exemplo mais visível vem das igrejas pentecostais e de denominações como a Igreja

⁴⁷ Mesmo que tais características sejam mais evidentes nas denominações pentecostais e agências de cura divina, a Igreja Católica também se utiliza desta retórica para manter seu papel na sociedade.

Universal do Reino de Deus, cujas pregações incidem na necessidade de ligação e devoção à religião como forma de superar os problemas de natureza diversa (financeiros, amorosos, de saúde, familiares etc.).

A crise está presente nos discursos do clero, dos teólogos e da academia, porém, quando observamos a Igreja *in loco*, o que vemos é sua contínua solidez, um sólido número de fiéis, sem contar o número de novas organizações católicas que surgem e se somam a outras tantas⁴⁸.

Em relação à assimilação do “discurso da crise” pelos meios acadêmicos, é comum encontrar trabalhos fazendo referências constantes à crise de descrença do homem moderno, à queda no número de jovens com vocações religiosas, à perda de espaço devida à ascensão de denominações cristãs não-católicas ou religiões de tradições não-cristãs, argumentos encontrados, também, nos trabalhos dos teóricos da Igreja ou de cientistas ligados a ela⁴⁹.

Ao mesmo tempo em que a academia fala de uma confusão interna causada pela falta de identidade na Igreja, indefinida entre a mística e a racionalidade⁵⁰, teólogos falam da crise de fé, dos males da secularização e tensões eclesiais entre conservadores e liberais⁵¹. Existe, assim, uma

48 Um exemplo é a Sociedade São Vicente de Paulo, fundada na França em 1833. Os Vicentinos são uma organização leiga voltada para o assistencialismo, atuando nas paróquias onde se estabelecem. A Sociedade São Vicente de Paulo está presente em 150 países, contando 800.000 voluntários (153.000 somente no Brasil). (Cf. URL: <https://ssvpbrasil.org.br/>).

49 Sobre a assimilação do discurso religioso por meios secularizados, cf. LE-NHARO, A. *Sacralização da Política*, Campinas, Papirus, 1986.

50 AGUADO, J. C. *O Ocaso da Utopia e o Despertar do Carisma: vivências na Igreja Católica em Ribeirão Preto (1967-1988)*, Tese de Doutorado, SP, USP, 1997.

51 CHAGAS, dom C. *A redescoberta do Espírito e suas Implicações para uma Transformação Eclesial: um estudo sobre a Renovação Carismática Católica*, Dissertação de Mestrado, RJ, PUC, 1976.

confluência de falas nos discursos acadêmicos e religiosos, reforçando a ideia da crise e corroborando para a imagem que a Igreja constrói de si mesma.

As teorias a respeito da *dessacralização* da sociedade e do *desencantamento* do mundo moderno alimentam o discurso religioso, estimulando reações. Os diversos movimentos religiosos católicos surgem como forças organizadas de defesa da Igreja frente a “crise”. Conservadores, místicos, progressistas etc., garantem um grande leque de opções aos fiéis e variadas soluções para a “crise”, mantendo uma constante renovação da Igreja Católica.

Ao superestimar a dessacralização, observadores menos atentos não percebem a teia de influência religiosa que se expande, principalmente pela subvalorização das estratégias da Igreja, como o alcance da variação tecnológica, que não é novidade para as Igrejas – a Igreja Católica, por exemplo, utiliza-se do rádio desde os anos 1950, no Brasil⁵² – e, mais ainda, o peso cultural que o catolicismo imprime numa sociedade como a brasileira. O exemplo mais significativo está no ensino que ainda deve muito às instituições religiosas, tanto em relação à estrutura hierárquica escolar como à organização do espaço escolar, à disciplina, à imagem do professor, à construção dos heróis nacionais e das datas cívicas⁵³.

E foi como combatente da “crise” que a Renovação Carismática se posicionou no universo católico. O discurso

52 DAL CORSO, M. in: TORRES-LONDOÑO, F. (1997), op. Cit., pp. 184-185.

53 Sobre o papel da Igreja nas estruturas escolares, Cf. ALMEIDA NETO, A. *O Ensino de História do Período Militar: práticas e cultura escolar*, Dissertação de Mestrado, SP, USP, 1996; SIMAN, L. & FONSECA, T. *Inaugurando a História e Construindo a Nação*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001; FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

carismático caracteriza o Movimento como fonte de *renovação* da Igreja, veículo pelo qual a Igreja poderia vencer os percalços da falta de fé e os desafios da sociedade secularizada.

Capítulo 2

E o Espírito diz, vem!: o Movimento Carismático Católico

Toda verdade traz alguma dor.
Nem todo amor traz alegria à vida.
Mas não há vida bem vivida
Sem amor, sem perceber
Que é simples demais,
Qualquer um pode ver:
O amor vem de Deus
E sem Ele nada pode ser a vida.

Me diz, Catedral

I – Renovação Carismática Católica: características

A melhor forma de apresentar a Renovação Carismática Católica é através de sua própria literatura. Suas obras trazem orientações teológicas, litúrgicas e doutrinárias sobre o movimento. O conteúdo dos textos mantém certa uniformidade nos conceitos utilizados, além de reforçar constantemente sua identidade católica, pautado pela necessidade de diferenciar-se do Pentecostalismo Protestante⁵⁴.

54 A denominação “pentecostalismo católico” foi usada quando do aparecimento da Renovação Carismática Católica, pela proximidade das práticas do Movimento

As principais características da Renovação Carismática Católica são:

Batismo no Espírito Santo: quando se fala da Renovação Carismática, o primeiro conceito que surge é o “Batismo no Espírito Santo”. Essa expressão tem sido usada desde o início do movimento pentecostal como o evento que introduz as experiências atribuídas ao poder do Espírito Santo, sendo encontrada, também, entre os protestantes. Tem origem nos textos bíblicos, especialmente em Atos dos Apóstolos. Contudo, nas análises sobre o Movimento Carismático, a utilização desta expressão é considerada no contexto pentecostal protestante, desconsiderando sua história mais antiga no cristianismo.

Nos primeiros séculos da era cristã, o batismo era interpretado como a introdução do fiel na comunidade, sendo um ato consciente do iniciado na fé. Baseado nos textos de São Paulo e São Lucas, o batismo seria o ato introdutório do fiel em uma nova vida, redimindo-o de seus pecados, tornando-o impreterivelmente ligado a Cristo e, assim, comprometido com a vida eclesial e a moral cristã⁵⁵, sendo a presença do Espírito Santo determinante para a santificação da iniciação.

Nos séculos seguintes, houve a sistematização da iniciação cristã, empenhada na formação do fiel. Porém, mudanças na Igreja ocidental tornaram impraticáveis partes do ritual de iniciação, sendo gradativamente isoladas aquelas relacionadas com o dom do Espírito Santo. Essa mudança no

com as do pentecostalismo protestante. Porém, o termo foi abandonado com o passar do tempo, para evitar confusões entre os fiéis católicos. Ao deixar de lado o termo pentecostalismo, o Movimento evita uma ligação mais sensível com sua origem protestante, ao mesmo tempo em que reafirma sua identidade católica romana.

55 DUFFY, R. Batismo e Confirmação, in: FIORENZA, F. & GALVIN, J. *Teologia Sistemática, perspectivas católico-romanas*, São Paulo, Paulus, 1997, v. II, p. 287.

processo de iniciação simplificou os significados do batismo (ênfatizando apenas o perdão dos pecados)⁵⁶.

Para o Movimento Carismático, o batismo deve ter o caráter introdutório a uma nova vida cristã, como o interpretado pelos grupos católicos dos primeiros séculos. Nesse aspecto a adoção do termo Batismo no Espírito Santo está ligada ao Evangelho.

A Igreja Católica orienta os membros da Renovação Carismática, porém, a evitar a expressão Batismo no Espírito Santo, trocando-a por “efusão do Espírito Santo” ou “deramamento do Espírito Santo”⁵⁷. A utilização da expressão pelos movimentos pentecostais protestantes causava confusão entre os fiéis católicos, sendo preferível sua alteração. Mesmo assim, ainda é corrente o uso da expressão Batismo no Espírito Santo entre os carismáticos, inclusive nos textos publicados pelos órgãos oficiais do Movimento.

Para evitar equívocos, expressões como “receber o Espírito” (retirando do sacramento do batismo, da confirmação e da fé a possibilidade de alcançar o Espírito) e batismo do Espírito (o batismo do Espírito pode induzir a ideia de uma marca, um evento em si, quando o Batismo no Espírito Santo seria uma introdução a uma vivência maior no Espírito) são evitadas pelos carismáticos, tanto em sua literatura como no cotidiano⁵⁸.

56 DUFFY, R. (1997) op. cit., p. 292. Segundo o teólogo Regis Duffy, foi após o Vaticano II que a Igreja ocidental recuperou a dimensão eclesial do batismo, restaurando o processo de iniciação dos fiéis.

57 CNBB. *Levantamento sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil*, Itaici/SP, 32ª Assembleia Geral da CNBB, abril, 1994 (Orientações Pastorais, Item E, 55).

58 CLARK, S. *Batizados no Espírito Santo*, São Paulo, Loyola, 1976. Muitas metáforas podem contribuir para especificar essa experiência no Espírito. Colocações como *sentir o jorrar do poder do Espírito, línguas de fogo, encher-se do Espírito* são constantes; a sensação que se quer transmitir é sempre de imersão em um poder divino, ou que surge de dentro do fiel e transborda, ou que o envolve completamente.

Usar a expressão “experiência” já demonstra o papel do Batismo no Espírito para a comunidade carismática. Experimentar a manifestação divina transforma a vida não só religiosa do crente, tornando-o participante da ação efetiva do sagrado, mas, também, o leva a transformar sua vida comunitária. Quando se fala do Batismo no Espírito Santo, um dos caminhos para uma vida no Espírito⁵⁹, as argumentações quanto à necessidade da introdução numa comunidade de vida ativa nas paróquias tornam-se recorrentes:

[...] pois se a vida é vivida num corpo, o corpo de Cristo [a Igreja], a pessoa deve ser batizada no Espírito no corpo místico de Cristo. Ao ser batizado no Espírito deveria entrar na vida de uma comunidade cristã.⁶⁰

Mesmo sendo uma experiência individual, a orientação dada aos fiéis carismáticos é a de que a ação do Espírito e seus frutos deveriam servir à comunidade católica, sendo esta responsável por acompanhar os fiéis na utilização dos dons do Espírito⁶¹. A insistência na inserção do fiel em um grupo ou comunidade tem estreita relação com a teologia do batismo, além de agregar os aspectos práticos de se evitar a formação de grupos cismáticos, fortalecer a vida comunitária, melhorando sua atuação dentro da sociedade, em um processo evangelizador amplo.

59 Segundo Clark, os teólogos falam sobre a presença do Espírito Santo através dos ritos do batismo em água e da confirmação, além do fiel encontrá-lo através da fé em Cristo. Sendo assim, o Batismo no Espírito seria apenas um dos caminhos possíveis, porém, este autor insiste em algumas passagens sobre a ligação entre viver uma *vida plena* como cristão e o Batismo no Espírito – CLARK, 1976, op. cit., p. 14 e 22.

60 CLARK (1976) op. cit., p. 40.

61 *O Espírito virá sobre vós: sete semanas de caminhada no Espírito*, São Paulo, Loyola, 1987.

Os Dons Espirituais ou Carismáticos: Nos Atos dos Apóstolos (principalmente capítulos 2 e 9-11), e nos textos de São Paulo (Primeira Carta aos Coríntios, 12-14; Gálatas 5, 13 e 6, 1-10) as referências aos dons espirituais ou carismáticos são frequentes, apresentados como frutos da ação do Espírito Santo no fiel.

Como já dissemos acima, o Batismo no Espírito Santo é interpretado como o início de uma vida plena como cristão para os fiéis e um sinal dessa nova relação com Deus⁶². O desenvolvimento dessa vida estaria na manifestação dos dons carismáticos, compreendidos como a ação do Espírito Santo através dos crentes abertos à sua atuação.

Os dons carismáticos foram listados por São Paulo em I Coríntios 12, 4-11, sendo o maior dom aspirado pelo fiel o da caridade⁶³. Porém, quando referências são feitas aos dons espirituais que tanto chamam a atenção sobre o Movimento Carismático, os dons “fantásticos”, aqueles que demonstrariam as maravilhas do poder de Deus através dos homens, prevalecem: o dom de línguas, profecias, curas, milagres, discernimento e interpretação.

Dons como o da cura e de línguas têm um apelo muito grande junto às mídias e aos membros da Igreja. Seriam manifestações visíveis da ação do Espírito Santo nos fiéis e na Igreja, desta forma têm sido encarados: como sinais do Batismo no Espírito Santo⁶⁴. Apresentados desta forma, os

62 [...] *Ser Batizado no Espírito significa ter a nossa relação com Deus transformada, a ponto de podermos experimentar pessoalmente todas aquelas coisas que Ele prometera que o Espírito Santo realizaria nos que cressem.* CLARK (1976) op. cit. p. 49.

63 *Aspirai aos dons superiores [...] – I Cor. 12, 31; Porém, a maior delas a caridade.* I Cor. 13, 13.

64 Vários autores colocam o dom de línguas de alguma forma ligado ao Batismo no Espírito Santo, basicamente, como um sinal de sua ocorrência; porém, não

dons carismáticos seriam manifestações individuais do poder de Deus, tendo por função a edificação do Corpo Místico de Cristo, a Igreja.

Identificando-se com o episódio bíblico do Pentecostes, o Movimento Carismático vê nos dons espirituais a confirmação de uma vida próxima àquela experimentada pelos primeiros cristãos. Essa identificação com os acontecimentos de Pentecostes aproximaram a Renovação Carismática Católica das experiências vividas pelas denominações oriundas do Pentecostalismo protestante, o que tornou sua relação com alguns segmentos da Igreja tensa. Contudo, para os carismáticos, esta seria a vivência cristã descrita nas Escrituras e ainda uma resposta à exortação do Concílio Vaticano II: “Renovai as vossas maravilhas hoje como num novo Pentecostes!”⁶⁵.

É inegável o papel dos dons espirituais na popularidade do Movimento Carismático Católico, porém, restringindo nossa análise aos discursos de seus autores, os dons seriam ferramentas poderosas com as quais o Espírito proveria os cristãos para a construção de uma Igreja renovada no mundo, e como tal deveriam ser alimentados e administrados dentro de sua vida e liturgia⁶⁶.

Louvores, orações e reuniões públicas: comuns nas cerimônias religiosas cristãs, louvores e orações ganharam nova dimensão dentro do pentecostalismo protestante e na

é encarado como uma regra, uma vez que muitos são considerados Batizados no Espírito, mas não desenvolvem o dom de línguas (Cf. CLARK, S. *Batizados no Espírito Santo*, São Paulo, Loyola, 1976; CLARK, S. *Os dons espirituais*, São Paulo, Loyola, s.d; FORREST, padre T.; CUARTAS, padre J e GAVRILIDES *O dom de línguas*, São Paulo, Loyola, s.d).

65 CLARK (s.d.), op. cit. Essas palavras, atribuídas ao Papa João XXIII quando da convocação do Concílio Vaticano II, pela conjuntura do período parecem relacionar-se com a necessidade da Igreja em ter um novo começo, assim como o Pentecostes bíblico marcou a fundação da Igreja nos primeiros séculos da era cristã.

66 CLARK (s.d.), op. cit., p. 32.

Renovação Carismática Católica desde o começo. O que diferencia protestantes e católicos é o espaço devotado ao culto mariano (vinculado exclusivamente à tradição católica) e a normalização dessas práticas entre os carismáticos católicos, ou seja, o estabelecimento de normas e circunstâncias para tais manifestações⁶⁷.

Cantos de louvor e orações são comuns nos grupos de oração e nos grandes eventos promovidos pela RC, exercendo forte atração de fiéis. No caso dos cantos de louvor, são produzidos dentro da Igreja Católica como músicas de autoria protestante⁶⁸. As orações vão desde terços marianos até orações em línguas, o que nem sempre é visto com bons olhos pela hierarquia católica⁶⁹.

A oração em línguas é entendida pelos carismáticos como a ação do Espírito Santo no espírito do homem, produzindo dons diversos, entre eles o dom de línguas, ou seja, a capacidade do fiel em comunicar-se com Deus através da “língua dos anjos”:

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos [...]. I Coríntios 13, 1.

67 PEDRINI, padre A.J. *Saiba participar de grupos carismáticos*, SP, Loyola, s.d. – 5ª edição; WALSH, V.M. *Conduzi o meu povo: manual para líderes Carismáticos*, SP, Loyola, 1991 – 4ª Edição.

68 Existem algumas canções muito populares nos encontros da RCC e que são também largamente usadas nos cultos pentecostais protestantes. Como exemplo, pode-se citar “Anjos de Deus”, gravada pelo padre Marcelo Rossi (sendo que a letra tem algumas adaptações) e “Vem Espírito” (Vem Espírito, Vem Espírito/ Sozinho eu não posso mais/Sozinho eu não posso mais viver/Eu quero amar eu quero ser/Aquilo que Deus quer/Sozinho eu não posso mais).

69 Por ser um dom individual e, segundo os textos paulinos, ser pouco relevante para o enriquecimento da comunidade católica, a oração em línguas é considerada um dom inferior. Na experiência do Movimento Carismático, o desagrado das autoridades religiosas em relação ao dom de línguas estaria na emotividade excessiva, uma armadilha emocional que poderia sair do controle das lideranças do Movimento.

Aquele que fala em línguas não fala aos homens, senão a Deus; ninguém o entende, pois fala coisas misteriosas, sob a ação do Espírito. I Coríntios 14, 2.

Os grupos de oração têm em seus encontros momentos dedicados à oração, aos louvores e à manifestação dos dons carismáticos. Os dons seriam distribuídos de forma particular em cada grupo, ou seja, há grupos onde o dom da cura é mais corrente, em outros é o caso do dom da profecia, ou ainda da ciência ou sabedoria.

Nas grandes reuniões públicas – cenáculos, congressos, encontros nacionais – os louvores e orações ganham proporções surpreendentes, num clima emocional muito forte. Os eventos religiosos em estádios de futebol, por exemplo, foram, por algum tempo, práticas muito utilizadas por denominações como a Igreja Universal do Reino de Deus, ganhando destaque nos meios de comunicação.

Porém, manifestações públicas religiosas também são encontradas nos meios católicos. As procissões, missas campais e festas religiosas são promovidas pelos católicos constantemente; a Renovação Carismática apenas revitalizou tais eventos. A mídia deu destaque à utilização dos grandes espaços públicos pelas denominações pentecostais protestantes e, mais tarde, ao trabalho da RC nesses espaços, sem considerar que tais práticas são utilizadas pela Igreja Católica há muito tempo⁷⁰ – o que, de alguma forma, foi reproduzido

70 Talvez o evento mais marcante da história da Igreja Católica no Brasil tenha sido a visita do Papa João Paulo II no começo dos anos 1980. Os eventos organizados para esta visita deslocaram milhares de pessoas, ocuparam praças públicas, além de fechar vias públicas por onde a comitiva papal passou. Contudo, as festas religiosas são constantes no Brasil desde o período colonial, evidenciando toda a tradição religiosa do país. Tais festas não apenas expunham a Igreja como tinham um caráter educativo, mesmo em comemorações fora da liturgia oficial (Cf. ABREU, M. *O Império do Divino, festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999).

em análises acadêmicas do Movimento Carismático: grandes eventos carismáticos católicos passaram a ser encarados como cópias das práticas pentecostais protestantes, na disputa por fiéis e espaço no campo religioso.

Em um evento como o *Congresso Nacional da Renovação Carismática Católica* é possível observar centenas de pessoas orando em línguas, em uníssono. O impacto emocional é visível nas pessoas presentes, o que se repete durante as manifestações dos dons carismáticos, como cura, libertação e profecias⁷¹. Os grandes eventos carismáticos ainda são marcados pelas coreografias que acompanham as músicas dos padres cantores (padre Marcelo Rossi, padre Zeca, entre outros), testemunhos, discursos das lideranças carismáticas e a liturgia oficial da Igreja, como a adoração do Santíssimo, missas, terços etc..

As características da RC não podem ser definidas apenas por sua proximidade com o pentecostalismo protestante. O Movimento Carismático preocupa-se em enfatizar seu compromisso com o catolicismo através do respeito e prática da liturgia oficial, a aquiescência aos ditames da hierarquia católica, o envolvimento na vida paroquial e o culto mariano.

Entre as orientações contidas nos textos carismáticos está a preocupação dos autores em apresentar as relações com a Igreja, principalmente no que se refere a identificação católica, visando sua aceitação no quadro religioso da Instituição.

Na coleção **O Novo Pentecostes**⁷², por exemplo, fica evidente a preocupação em identificar o Movimento Carismático como

71 Isso pode ser observado com mais vagar no *XVIII Congresso Nacional da RCC* (Guaratinguetá, de 19 a 23 de julho de 1999). O congresso, em 1999, reuniu mais de doze mil carismáticos de todo o país, sendo que o evento acontecia anualmente, com um número crescente de participantes).

72 Esta coleção traz a cada volume uma reflexão sobre alguns aspectos da Renovação Carismática, desde esclarecimentos sobre os dons carismáticos e o Batismo.

parte da Igreja, portador de uma nova espiritualidade para a Instituição. A RC traria de volta o caráter espiritual da Igreja primitiva (período da formação das primeiras comunidades cristãs), complementando a reforma estrutural do Concílio Vaticano II, abrindo a Igreja aos leigos. O próprio Concílio aparece como obra inspirada pelo poder do Espírito Santo e, portanto, impulsionadora da Renovação Carismática Católica iniciada na década de 1960, logo após seu término (1965).

Uma forma recorrente de mostrar a preocupação do Movimento Carismático em permanecer ligado à Igreja Católica foi orientar seus membros a participar de outras atividades dentro de suas comunidades e reiterar o devido respeito às autoridades eclesiais e aos rituais da Igreja. Assim, as reuniões dos grupos de oração são colocadas em horários que não coincidam com os horários de cerimônias da Igreja e os membros dos grupos carismáticos são convidados a contribuir com suas experiências nas cerimônias, estando a cargo dos sacerdotes o controle e a direção dessa relação entre o grupo e os rituais da Igreja⁷³.

A presença dos sacerdotes entre os autores das obras carismáticas permitiu à Renovação legitimar suas ações, munidos de autoridades da Igreja entre seus porta-vozes: padres e bispos. A presença de clérigos envolvidos no Movimento, da

no Espírito Santo até discussões sobre a Teologia da Libertação em relação à Renovação. Os textos são, em sua maioria, de autoria de pessoas de destaque dentro do Movimento (no Brasil e no mundo) leigos e clérigos. A pluralidade de temas nos possibilita a visão que a Renovação Carismática tem de si, além de deixar implícitas as táticas organizacionais do Movimento, tanto no que tange às práticas, quanto às relações com a Instituição Católica (Cf. MASSARÃO, L. M. *Uma Nova Vida no Espírito: a Renovação Carismática Católica através da coleção O Novo Pentecostes – Monografia de Bacharelado*, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1998).

73 *A experiência de Pentecostes*, São Paulo, Loyola, 1986; coleção *O Novo Pentecostes*, v. 5.

mesma forma, permitiu à Igreja Católica exercer sua influência e controle sobre a RC, além da possibilidade de moldá-la de acordo com as metas da Igreja contemporânea. Seja qual for o olhar lançado sobre este aspecto da Renovação, a participação de religiosos reforça a estrutura hierárquica, o que parece estimular o crescimento do Movimento, tanto junto à Igreja quanto aos fiéis, ainda relutantes, frente às novidades apresentadas pelos carismáticos⁷⁴.

Portanto, parece evidente a complementaridade dos objetivos da Instituição Católica e do Movimento Carismático em relação ao caminho a ser seguido para a espiritualização da Igreja contemporânea, dando à Renovação apoio em sua valorização nos quadros católicos.

Na definição de sua identidade católica, a RCC apoiou-se num aspecto destacado constantemente pelos seus membros e por aqueles que observam o Movimento: o culto mariano.

II – O culto Mariano

A devoção mariana no Movimento Carismático possui dimensões que não se restringem apenas ao caráter espiritual. O culto mariano faz parte das práticas da Igreja de uma forma geral, contribuindo assim com a caracterização da Renovação Carismática como um movimento católico, inserido nas orientações da Instituição.

As referências feitas a Maria dão conta de sua vida como exemplar para os fiéis desejosos da ação do Espírito Santo.

74 As declarações papais aparecem nas obras carismáticas refletindo a aceitação do Movimento pela alta cúpula da Igreja. Dentro da coleção *O Novo Pentecostes*, Paulo VI (1897-1978) é citado constantemente, e seus discursos aparecem como incentivo à Renovação (Cf. *Paulo VI e a Renovação Carismática*, São Paulo, Loyola, 1987).

Fazer de Maria a base de sua vida religiosa atestaria o compromisso de qualquer movimento religioso com o Catolicismo, e foi o que a RC fez. Em suma, Maria sempre foi o grande símbolo católico em qualquer tempo e marca qualquer corrente, movimento ou grupo dentro da Igreja Católica⁷⁵.

As obras carismáticas, de modo geral, enfatizam o papel de Maria como exemplo para a Renovação Carismática, exemplo de vida carismática e de entrega ao Espírito⁷⁶. A ênfase está no caráter espiritual da devoção mariana. Contudo, a essência está na orientação comportamental dos fiéis. É característico na RC que os participantes sejam orientados a se entregarem totalmente às experiências no Espírito (tal como Maria teria feito em sua vida), aceitando e participando das manifestações emocionais e místicas experimentadas nos grupos e reuniões do Movimento.

Observou-se, na literatura carismática e no comportamento dos membros da RC, a preocupação em marcar a presença de Maria como um diferenciador em relação ao Pentecostalismo Protestante⁷⁷. Essa leitura não pode ser refutada, pois a revalorização do culto mariano aparece como afirmativo de uma renovação cristã autêntica, mantendo os fiéis participantes do Movimento Carismático, inseridos nas tradições católicas⁷⁸.

III – A participação leiga

75 Para um trabalho mais específico sobre o papel de Maria entre os carismáticos, Cf. PONDIAN, V. *A Figura de Maria e as Mulheres Católicas Carismáticas*, Dissertação de Mestrado, Campinas, IFCH/UNICAMP, 2000.

76 Além do primeiro volume da coleção *O Novo Pentecostes, Maria e o Espírito Santo* (São Paulo, Loyola, s.d.), várias referências ao papel de Maria e de sua vida são encontradas em outras obras do Movimento Carismático (Cf. RAHM (1972) op. cit.).

77 PRANDI (1997), op. cit.

78 RAHM (1972), op. cit., p. 19.

A Renovação Carismática tem em seus quadros organizacionais e de liderança uma maioria leiga, ainda que a influência de lideranças religiosas tenha aumentado significativamente a partir dos anos 1990. Porém, nos trabalhos sobre o Movimento Carismático é comum que se interprete a liderança leiga como mais uma característica vinda do protestantismo, o que não condiz com a história da Igreja. O estímulo à participação leiga é uma característica que já aparecia no ultramontanismo, passando pela formação da Ação Católica, nos anos 1920, e proliferou-se nos anos 1950 com os movimentos de reforma da Igreja.

O Vaticano II, através dos textos conciliares, oficializou a presença leiga nos trabalhos religiosos com a proposta de redimensionamento de seu papel na Igreja. Dessa forma, as medidas conciliares significaram para a RC um sinal de aprovação de suas ações, que seriam condizentes com a vontade divina e da Igreja, reforçando, assim, a disposição e a participação em trabalhos junto ao grupo de oração e a organização da Renovação Carismática Católica.

Interpretar esses acontecimentos que atingem, de alguma forma, o Movimento Carismático como sinais proféticos é uma prática comum entre seus membros. A natureza mística das práticas da Renovação Carismática reflete no cotidiano do Movimento. A ideia de que a história da RC seria guiada por sinais proféticos aparece com mais frequência quando da fundação de algum órgão, secretaria ou projeto do Movimento.

A participação leiga na Igreja Católica, entretanto, não possui a independência de formação e ação que a expressão pode sugerir. As iniciativas de formação de leigos colaboradores nos anos 1920, que deram origem à Ação Católica, foram

empreendidas pelo Papa Pio XI (1897-1978) e estimuladas pelos bispos. No Brasil, a hierarquia católica foi a promotora da participação leiga, em especial através da Ação Católica, como meio de ordenar os movimentos de devoção popular de acordo com as novas necessidades da Igreja⁷⁹. Da mesma forma, as decisões do Vaticano II em legitimar a participação leiga não romperam com os laços hierárquicos,

[...] mas continuou a se reservar o direito de dar a última palavra, de qualificar o que é legítimo ou não na ação pastoral, de promover ou impedir mudanças na doutrina e na prática dos fiéis. A garantia da ortodoxia continuou exclusiva do magistério eclesiástico.⁸⁰

Enfim, a liderança leiga serve ao propósito da Igreja, tanto como auxiliar da hierarquia, quanto como elo significativo entre instituição e fiéis, principalmente na sociedade moderna em que a rigidez institucional deve ser suavizada sem, contudo, enfraquecer-se.

IV – Os primeiros passos e a relação com a Igreja no Brasil

Em 1973, os padres jesuítas Haroldo Rahm e Antônio José Maria de Abreu (1936-2021) foram convocados a dar informações sobre a Renovação Carismática Católica junto à Comissão Episcopal de Pastoral. O documento, apresentado na reunião pastoral da CNBB, trazia uma definição do Movimento que marcou a literatura carismática desde então: a Renovação representaria um novo modo de ser católico, com inspiração das ações do Espírito Santo, o mesmo que incitou as mudanças através do Concílio Vaticano II:

79 DAL CORSO, M. in: TORRES-LONDOÑO, F. (1997), op. cit., pp. 172-173.

80 TANGERINO, M. (1997) op. cit., p. 102.

[...] Movimento chamamos toda aquela ação organizada que o Divino Espírito Santo, sempre atento às necessidades da Igreja, suscitou, pouco antes e após o Concílio Vaticano II, e cujos efeitos extraordinários não podiam deixar dúvida sobre o Autor e Inspirador. [...] A Renovação Carismática seria então, no nosso entender, a constatação da ação visível e invisível do Espírito Santo, atuando no Povo peregrino de Deus [...].⁸¹

Além de afirmar a inspiração mística, o documento trouxe ainda duas informações primordiais para se compreender como o Movimento foi articulado e se transformou no que hoje vemos: primeiro, a preocupação com os aspectos tidos como negativos pela Igreja e que são combatidos internamente; em segundo, a formação da estrutura administrativa do Movimento através da *Comissão de Serviço*.

Os aspectos negativos da RCC levantados por Rahm no documento à Comissão Episcopal de Pastoral – confusões devido aos dons carismáticos, sentimentalismo exagerado, falta de ação social, procura pelos grupos de oração como resolução para problemas emocionais, entre outros – são repetidos pelos críticos do Movimento Carismático, religiosos ou leigos, desde sua chegada ao país. Uma das hipóteses para essa crítica insistente ao Movimento Carismático estaria no caráter nitidamente emocional das ideias e práticas da Renovação Carismática, muito distante das preocupações político-sociais da Igreja brasileira do período.

Olhando para a Renovação Carismática a partir dos olhos da Teologia da Libertação, os cientistas humanos e sociais investiram numa caracterização da Renovação Carismática como o avesso da Igreja Popular e a definem a partir dos

81 Rahm, padre H.. *Alguns dados sobre a Renovação Carismática no Brasil*, Documento 01511, 19 de julho de 1973 – CNBB, Biblioteca INP, Brasília/DF.

conceitos e valores desta mesma Igreja. O papel da Igreja Católica frente a situação sócio-político-econômica brasileira parece definido pelo modelo da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base, através da instrumentalização política do fiel e a organização dos movimentos sociais. Ao analisar a RC e buscar estes referenciais dentro dela, parece claro que as interpretações encontradas seriam as de um movimento excessivamente sentimentalista, voltado para uma classe média em busca de higiene mental.

Quanto à estrutura administrativa da Renovação Carismática, o documento citado trouxe a primeira formação da *Comissão de Serviço* (posteriormente chamada de *Comissão Nacional de Serviço*, órgão máximo do Movimento no Brasil). O grupo era composto basicamente pelos precursores do movimento no Brasil: padres Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty, Irmã Vanira Varassim (*-1978), Irmã Juliette Schuckenbrock, padre Marcelo Perine e Irmã Maria Lamego⁸². A *Comissão de Serviço* visava principalmente ordenar o crescimento acelerado dos grupos de oração (unidade básica da Renovação Carismática) e preparar leigos e religiosos nesta nova espiritualidade.

A ideia de uma estrutura organizacional foi marcante na RCC desde sua origem nos Estados Unidos. O International Communications Office (ICO), sediado em Michigan, foi responsável por manter os contatos internacionais, e organizou a primeira Conferência Internacional para Líderes da Renovação Carismática (1973). Em 1978, o International Communications Office passou a chamar-se International Catholic Charismatic Renewal Office (ICCRO), mudando-se

82 Rahm, padre H.. *Alguns dados sobre a Renovação Carismática no Brasil*, Documento 01511, 19 de julho de 1973. CNBB, Biblioteca INP, Brasília/DF.

para Roma. Nesse período, o International Catholic Charismatic Renewal Office passou a ser dirigido pelo Cardeal Leo-Jozef Suenens (1904-1996), o que deu à organização um caráter mais eclesial. Essa passagem, por mais que tenha aproximado definitivamente a RCC do Vaticano, gerou conflitos com alguns grupos do Movimento, principalmente aqueles comprometidos com o ecumenismo⁸³.

Em 1993, o International Catholic Charismatic Renewal Office passou a denominar-se International Catholic Charismatic Renewal Services (ICCRS) após ser reconhecido pelo Cânon 116 do *Código de Direito Canônico*⁸⁴. O ICCRS é a instituição máxima de organização da Renovação Carismática no mundo, sendo formado por representantes dos órgãos nacionais e mantendo contato frequente com todas as instâncias do Movimento para a execução de projetos em nível mundial.

Nos anos 1970, a Renovação Carismática se dedicou à expansão de seus grupos pelo país através de missões de leigos e religiosos a ela ligados e ao fortalecimento de sua estrutura teológica e organizacional. No Brasil e no exterior havia o esforço em tornar o Movimento “cada vez mais católico”, inclusive com a adesão de clérigos nos postos de liderança da

83 Segundo os textos contidos no site oficial do ICCRS, com a aproximação do órgão com a cúpula católica e, em especial, com o *Conselho de Leigos*, houve divergências entre seus membros, principalmente em relação à dimensão ecumênica dos encontros internacionais da RCC. Os textos não explicam qual era o teor das desavenças, apenas citam o caso e exemplificam o caso com a saída do padre Tom Forrest do então ICCRO e a fundação do projeto *Evangelização 2000*. Mais tarde, o *Evangelização 2000* foi novamente incorporado aos projetos da RCC em nível mundial. (Cf. “*Historia del ICCRS*” URL: <http://www.iccrs.org/historia.htm>).

84 Pontificio Consilium pro Laicis 1565/93 AIC-73; dados retirados da versão do livro do padre S. Carrilo Alday, “La Renovación Carismática: “un Pentecostes hoy”” disponível na Internet. Cf. URL: http://www.members.tripod.com/~rccam/rc_ptcnw.htm.

Renovação (como foi o caso do então International Catholic Charismatic Renewal Office)⁸⁵.

No *Congresso Internacional de Lideranças da Renovação Carismática Católica*, em Grottaferrata, Roma (1973), foi elaborado um documento que tinha por objetivo esclarecer as bases teológicas do Movimento Carismático. Esse documento circulou por todos os países que possuíam grupos de oração em funcionamento e deixou antever a preocupação em inserir o Movimento num projeto maior para a Igreja:

[...] Não pretende a R.C. levar à Igreja algo que ela não tenha, mas levar mais e mais as igrejas locais e a Igreja universal a Jesus Cristo que batiza, ampliando-lhes as esperanças no Espírito e nas manifestações carismáticas do mesmo dentro da vida eclesial [...]⁸⁶

Esse documento foi escrito por teólogos de várias regiões, entre eles eminentes membros da Renovação Carismática Católica mundial como os padres Salvador Carrilo Alday (1927-2017) e Albert-Marie de Monléon (futuro Bispo de Meaux - 1934-2019), Francis Martin (1930-2017), Heribert Muhlen (1927-2006), Donatien Mollat (1904-1977) e Francis Sullivan (1922-2019).

A expansão empreendida pelo Movimento Carismático, a organização e o fortalecimento de suas bases não passaram despercebidos à cúpula da Igreja. No Brasil, a Assembleia Geral da CNBB, em 1974, solicitou uma pesquisa sobre a Renovação Carismática junto aos bispos. Essa pesquisa foi

85 Em 1973, foi inaugurado o *Conselho Latino Americano de Católicos Carismáticos* (CONCCLAT), em Bogotá. Esse grupo, organizado por clérigos latino-americanos, reúne-se a cada dois anos para debater a RCC na região e os projetos a serem desenvolvidos.

86 McDONNEL, K. *Boletim Especial nº5 1974: Base Teológica da Renovação Carismática Católica*, Documento 02377, 07 de agosto de 1974. CNBB, Biblioteca INP, Brasília/DF.

apresentada durante a XV Assembleia Geral da CNBB, em 1977, e resultou na aprovação de propostas de ação sobre a Renovação Carismática: relatórios elaborados a partir dos dados levantados pelos bispos (acrescido das discussões da Assembleia); a promoção de encontros entre Comissão Episcopal de Pastoral e CNBB para debater a Renovação Carismática e suas práticas; e uma análise exaustiva do Movimento sob o comando do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS)⁸⁷ que deveria ser apresentada na próxima Assembleia. Uma comissão especial foi também nomeada para acompanhar o desenvolvimento do Movimento Carismático⁸⁸.

Enfim, a Renovação Carismática passou a ser pauta constante dentro da Igreja Católica no Brasil, incluindo nesse interesse críticas e demonstrações de apoio ao Movimento, enfatizando, em ambos os casos, a observância às orientações do bispado e o controle dos “excessos” relacionados à emotividade na Renovação Carismática.

V – Os caminhos da Renovação Carismática Católica

O investimento na organização do Movimento Carismático, a expansão dos grupos de oração pelas paróquias e o início do diálogo com a cúpula da Igreja marcaram os primeiros anos da Renovação Carismática no Brasil. Contudo, a Renovação passou por um processo interno de reorientação onde dois dos maiores representantes do Movimento no país,

87 Esta pesquisa foi apresentada ainda em 1977 e, em 1978, foi publicada em forma de livro pelo sociólogo Pedro R. Oliveira. Cf. OLIVEIRA, P. R. *Renovação Carismática Católica: uma análise sociológica*, Petrópolis, Vozes/INP/CERIS, 1978.

88 CNBB. *Renovação Carismática Católica: XV Assembleia Geral da CNBB*, Documento 05585, 11 de maio de 1977, CNBB, Biblioteca INP, Brasília/DF.

os padres Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty, separaram suas atividades.

A história da RC no Brasil confunde-se com a história do padre Eduardo Dougherty, não apenas por ter sido ele o responsável por sua chegada no país, mas por ser um dos responsáveis pelo Movimento em seu início. Através de suas atividades missionárias de expansão do Movimento pelo país e mais tarde pelo largo uso das mídias, Dougherty tem relação direta com o formato da Renovação Carismática no Brasil. Seu nome sempre esteve ligado à RCC, o que parece não ocorrer com o padre Haroldo Rahm.

O Movimento Carismático, em suas origens, teve, também, como influência, a literatura protestante sobre os avivamentos e o papel do Espírito Santo na mudança de vida de seus fiéis. A obra mais conhecida entre os carismáticos é *A Cruz e o Punhal*⁸⁹, do pastor David Wilkerson (1931-2011). O livro trata especificamente do trabalho missionário de Wilkerson nos bairros pobres de Nova Iorque, junto aos delinquentes juvenis. A mensagem básica deste trabalho é o “poder do Espírito Santo na recuperação dos jovens viciados”.

O caminho que Rahm seguiu foi muito parecido com o de Wilkerson. Deixando a organização da Renovação Carismática, Rahm montou um grupo de apoio para viciados em drogas, na cidade de Campinas, e deu início a um trabalho que unia a assistência social a jovens viciados à manifestação dos poderes do Espírito Santo em sua recuperação.

A primeira iniciativa foi a fundação da *Fazenda Bom Jesus*, em 1978, uma comunidade terapêutica voltada para o acompanhamento de dependentes de drogas e álcool.

89 WILKERSON, D. *A cruz e o punhal*, Belo Horizonte, Ed. Betânia, 1983.14ª edição.

O grupo liderado pelo padre Haroldo Rahm formou outras instituições de apoio a crianças de rua e acompanhamento para famílias de dependentes de drogas. A *Associação Promocional Oração e Trabalho* (APOT)⁹⁰ reuniu essas instituições e tornou-se conhecida em todo o país. Pelos trabalhos apresentados, a APOT, na figura do padre Haroldo, esteve à frente da Campanha da Fraternidade de 2001, que teve como tema o combate às drogas⁹¹.

Em suma, a separação entre Rahm e Dougherty definiu duas posturas particulares na influência carismática: enquanto Dougherty e seu grupo trabalharam na construção da dimensão eclesial do Movimento Carismático, investindo na exposição da Renovação Carismática Católica e sua parceria com as metas da Igreja, principalmente como agente de uma nova espiritualidade católica, Rahm voltou sua atenção para o assistencialismo e iniciativas sociais “parareligiosas”.

Quando observamos os trabalhos de Haroldo Rahm não encontramos referências à Renovação Carismática Católica, contudo, suas atividades ligadas à espiritualidade carismática foram incontestes. Algumas análises acadêmicas da RC sugerem um desentendimento entre Dougherty e Rahm⁹², o que pode ter originado essa separação de caminhos entre os religiosos, ao papel da ação social dentro do Movimento e à forma dessa ação.

Os caminhos de Dougherty e Rahm na Renovação Carismática seguiram trilhas diversas, mas nos dois casos compreenderam ações reconhecidamente católicas, tanto

90 Cf. URL: <https://padreharoldo.org.br/>.

91 Cf. URL: <http://www.pastoraldasobriedade.org.br>. O padre Haroldo Rahm foi, inclusive, um dos “garotos-propaganda” dos comerciais para a televisão da Campanha da Fraternidade de 2001.

92 DÁVILA, B.M.C. (1998), op. cit.

no investimento na renovação eclesial através de uma nova espiritualidade, quanto no comprometimento com o assistencialismo social⁹³.

VI – Os anos 1980 e a explosão numérica

Os trabalhos desenvolvidos sobre a Renovação Carismática referem-se basicamente aos anos 1970 e 1990. Dados sobre o Movimento Carismático nos anos 1980 são diluídos e de difícil acompanhamento. Este silêncio parece fazer parte do processo histórico da RCC. Existe uma visão por parte dos membros da RC de que sua formação segue etapas. Assim, desde seu surgimento no final dos anos 1960 até o início dos anos 1980, o Movimento teria sido guiado pelo poder do Espírito (onde Deus teria trabalhado, o homem sentido e disso se orgulhado), sem rédeas ou organização, e haveria chegado o momento de estruturar e orientar seu crescimento, a partir das falhas e trabalhando para ainda produzir os frutos do Espírito⁹⁴.

93 A Renovação Carismática tem características diversas nas suas ações também no que diz respeito à região geográfica onde se estabeleceu. Ao se abordar a história do Movimento em lugares como Europa e Estados Unidos é possível visualizar como este movimento, mesmo tendo um caráter transnacional e ser organizado por várias camadas hierárquicas comuns – incluindo conselhos internacionais –, seguiu caminhos diferentes daqueles que encontramos na América Latina e África. O Movimento Carismático na Europa e Estados Unidos está fortemente vinculado a organizações e movimentos ecumênicos, enquanto na África e América Latina a Renovação parece seguir um caminho mais voltado para a realidade sócio-político-econômica local – aquém do que dizem algumas interpretações sociológicas do Movimento. Assim, organizações como a ICCOWE (International Charismatic Consultation on World Evangelisation – com sede no Reino Unido), conhecida como *Evangelização 2000* e criada pelo padre Tom Forrest em 1984, têm um caráter nitidamente ecumênico, sendo composta por membros de diversas igrejas cristãs, como os anglicanos, batistas, luteranos, entre outros. Enquanto isso, a *Organização Minuto de Diós*, em Bogotá, desenvolve programas sociais em vários municípios da Colômbia, atuando nas áreas de saúde, indústria, assistência social, além de uma Universidade, sempre apoiados em trabalhos de evangelização.

94 FORREST, padre Thomas. *Uma visão Geral para o líder carismático* – Roma, 4/V/1981, in: *Renovação Carismática Católica – IV Congresso Internacional, maio de 1981 – Roma: Temas e Conferências*, Ed. Louva-a-Deus, s.d., pp. 5-15.

Essa visão de desenvolvimento por etapas ganha no Movimento Carismático uma dimensão mística, mas mantém relação lógica com a organização de qualquer movimento dentro da Igreja. Após uma fase de euforia, quando houve uma expansão acentuada pelas paróquias brasileiras e o Movimento chamou a atenção da hierarquia católica, era esperada uma acomodação da Renovação Carismática, para definir sua estrutura e redimensioná-la de acordo com suas metas. Esse quadro de desenvolvimento foi fortalecido pela ocorrência, durante os anos 1980, dos congressos anuais do Movimento e pelo surgimento dos grupos que mais tarde formariam as *Secretarias Nacionais de Serviço*.

Em 1981, aconteceu o primeiro congresso nacional da Renovação Carismática Católica, encontro que continuou se repetindo anualmente na cidade de Guaratinguetá e Aparecida do Norte, São Paulo. Os congressos são, além de encontros de fiéis de todo o país para orações e louvores, reuniões das lideranças carismáticas para discutir o andamento dos projetos do Movimento, para a apresentação das novidades de cada região já discutidas nos encontros estaduais e de indicativos para os passos futuros. Sob a organização da *Comissão Nacional de Serviço*, os congressos nacionais garantem certa unidade ao Movimento, aglomerando as diferentes experiências da Renovação Carismática e ajustando seu desenvolvimento global.

Alguns dos trabalhos desenvolvidos pelos membros da RC durante os anos 1980 formaram, posteriormente, as

Mesmo os textos históricos produzidos pela Renovação Carismática silenciam sobre os anos 1980, como se realmente tivesse havido uma fase de reclusão, para se repensarem os caminhos, seguida do ressurgimento nos anos 1990, como Movimento forte e atuante (Cf. CONSELHO e COMISSÃO NACIONAL DA RCC. *Anuário da RCC do Brasil*, S.J. Campos, Ed. Com Deus, março de 1999).

Secretarias Nacionais de Serviço. Dois grupos de trabalho podem ser destacados: o *Projeto Universidades Renovadas* (PUR) e o de *Promoção Humana*, a futura *Secretaria Marta*.

O *Projeto Universidades Renovadas* (renomeada *Secretaria Lucas* e, atualmente conhecido como MUR, *Ministério Universidades Renovadas*) teve origem no grupo de oração da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, em 1981. Assim como no começo da Renovação Carismática norte-americana, um grupo de estudantes universitários de Viçosa se reuniu e orou, esperando receber o Batismo no Espírito Santo. Depois de Viçosa, grupos de oração foram formados em outras universidades brasileiras, até que surgisse, em 1994, o Projeto Universidades Renovadas, congregando os grupos de oração de várias faculdades e universidades com uma proposta de trabalho conjunto⁹⁵.

Fernando Galvani, professor da Universidade Estadual de Tocantins, foi o idealizador do Projeto Universidades Renovadas. Segundo o histórico do Projeto, uma inspiração divina impeliu Galvani ao trabalho no meio universitário:

O Projeto Universidades Renovadas surgiu de um sonho colocado no coração do estudante de veterinária da UFV, Fernando Galvani, hoje professor da Universidade Estadual de Tocantins, UNITINS, no momento em que se encontrava em oração no seu quarto, ainda da UFV, olhando um grande quadro da cidade de Jerusalém, pendurado na parede do quarto. Deus lhe deu uma passagem maravilhosa em At. 5, 28. Nós havíamos proibido expressamente de ensinar em nome de Jesus, mas não obstante então, tendes enchido Jerusalém da doutrina de Jesus [...]

95 Cf. URL: <https://novoportal.rccbrasil.org.br/ministerios/ministerio-universidades-renovadas/> – Projeto Universidades Renovadas (Atual Ministério Universidades Renovadas).

*A passagem mostra Jerusalém – capital religiosa da época – coberta de doutrina de Deus, mesmo diante das dificuldades e perseguições que os primeiros cristãos sofriam. E refletindo sobre tudo isso, Fernando observou que no meio universitário os verdadeiros cristãos sofreram [sic] perseguições assim como sofriam os discípulos. Daí veio o desejo profundo de encher as universidades do amor de Deus e mais do que isso, o sonho de ver as Universidades Renovadas [...]*⁹⁶

A proposta do Projeto Universidades Renovadas era a de manter grupos de orações carismáticos nos *campi* universitários e, dessa forma, marcar a presença da Igreja em um território que até então era reconhecido pelo ceticismo, o ateísmo e o agnosticismo⁹⁷.

Já o projeto de promoção humana tem origem na Renovação Carismática de Goiânia. Segundo Marizete Martins Nunes do Nascimento (secretária nacional da *Secretaria Marta*), a comunidade carismática de Goiânia sempre esteve comprometida com trabalhos filantrópicos e assistencialistas, além de voltada para a assistência espiritual e material dos necessitados através do poder do Espírito Santo. O objetivo do projeto era trazer pessoas para o Movimento através da ajuda espiritual complementada pela ajuda material, estimulando uma conversão que traria prosperidade material para os fiéis. O projeto mantém, desde os anos 1980, várias organizações de ajuda para dependente químicos, soropositivos, além de acompanhamento para o desenvolvimento “*de uma consciência das pessoas como filhos de Deus e cidadãos*”⁹⁸.

96 Idem.

97 Iniciativas similares já tinham ocorrido na Igreja durante os anos 1950 e 1960, quando a Juventude Universitária Católica, ligada à Ação Católica Especializada, atuou entre os estudantes.

98 Marizete Martins Nunes do Nascimento. Workshop *Secretaria Marta*, XVIII Congresso Nacional da RCC, Guaratingueta, 23 de julho de 1999.

A RCC de Goiânia fundou, em 1982, a *Associação Servos de Deus*⁹⁹, na qual encontramos a semente da *Secretaria Marta*, formada nos anos 1990. As atividades desenvolvidas pela Associação são próximas àquelas da *Fazenda Bom Jesus*, do padre Haroldo Rahm e, em suma, representam o tipo de ação social empreendida pelo Movimento Carismático.

Os dois projetos apresentados indicam a expansão do Movimento por segmentos sociais ainda não explorados. As análises acadêmicas da Renovação Carismática apontavam constantemente sua base social como formada pela classe média¹⁰⁰, contudo, a partir dos anos 1980, com os projetos desenvolvidos pelo Movimento, a Renovação atingiu segmentos populares (principalmente pelo trabalho de promoção humana) e outros meios da classe média e média-alta (caso do meio universitário citado anteriormente). Isto produziu a explosão do número de carismáticos na Igreja brasileira, que de alguns milhares, no final dos anos 1970, passou a quatro milhões em 1994¹⁰¹.

Enfim, o “silêncio” da Renovação Carismática, nos anos 1980, significou a elaboração de planos de ação e estabelecimento de suas estruturas dentro do campo católico brasileiro, além do crescimento numérico de membros. A possibilidade maior para justificar esta invisibilidade talvez seja a ausência

99 SILVA, Maria da Conceição. *Vem, Espírito Santo, vem: o catolicismo carismático, em Goiânia (1973-1998)*, Dissertação de Mestrado, Franca, UNESP, 1998.

100 Cf. PRANDI, (1997); DÁVILA, (1998); OLIVEIRA, P.R. Movimentos Carismáticos na América Latina: Uma visão sociológica, in: *Cadernos ISER*, No. 5, 1977.

101 OYAMA, T. & LIMA, S. Católicos em Transe, in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, n° 14, 08 de abril/1998, p. 92. Os jornalistas da revista *Veja* não especificaram a fonte do número de membros da RCC. Contudo, de acordo com o *Conselho Nacional de Serviço*, em 1999, a RCC contava com oito milhões de membros, o que nos leva a acreditar que os números apresentados pela *Veja* referentes a 1994 tenham sido fornecidos pela própria RCC (Cf. CONSELHO e COMISSÃO NACIONAL DA RCC (1999) op. cit., p. 11).

do Movimento Carismático na mídia, conscientemente ou não. O Movimento não despertava interesse nos meios de comunicação – o que aconteceu a partir dos anos 1990 – e o ponto de interesse pela religiosidade no Brasil, até então, estava no pentecostalismo protestante de “terceira onda”¹⁰² (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça) que, além de ser notícia, já utilizava largamente a mídia.

Internamente, os anos 1980 foram os anos de fortalecimento da Renovação Carismática, de estabelecimento das estruturas que compõem o Movimento e guiam seus projetos. Em suma, uma fase de gestação do que viria ser a Renovação como a conhecemos hoje.

VII – Os anos 1990: Ofensiva nacional, mídia e a Renovação Carismática Católica como Igreja

O marco da história da Renovação Carismática nos anos 1990 foi a publicação do projeto *Ofensiva Nacional*, de autoria da *Comissão Nacional de Serviço*. Nele, ficou nítida a forma como o Movimento Carismático administrou seu crescimento e os grupos de trabalho que surgiram nas décadas anteriores. O texto em si definiu o que era a Renovação Carismática Católica, sua forma de ação e seu lugar na Igreja, reafirmando sua missão como instrumento do catolicismo.

102 O conceito de pentecostalismo de terceira onda foi elaborado por Paul Freston em sua análise sobre as diferentes fases de estabelecimento e expansão do pentecostalismo no Brasil. Segundo Freston, a primeira onda teria acontecido no começo do século XX com a chegada das denominações pentecostais históricas (Assembleia de Deus e Congregação Cristã); a segunda onda produziu-se com a chegada da Igreja Quadrangular nos anos 1950 e as denominações do avivamento pentecostal da década; e, por fim, os anos 1980 produziram a terceira onda, com Igrejas como a Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça, baseadas na cura divina e na teologia da prosperidade.

A cartilha *Ofensiva Nacional: com renovado ardor missionário*¹⁰³ foi montada pela Comissão Nacional e Conselho Nacional da Renovação Carismática Católica é como um guia para os diversos grupos de oração, equipes diocesanas e comunidades carismáticas, unificando as ações do Movimento Carismático em todo o país e planejando os passos a serem seguidos nos próximos anos, sempre enfatizando sua identidade apoiada no Batismo no Espírito Santo.

O texto foi dividido em três partes – “identidade”, “missão” e “organização” – e apresentado como o primeiro livro de uma série que oferecia um ensino unificado para os membros da Renovação Carismática:

- **Identidade:** herdeira do Vaticano II, a Renovação Carismática teria surgido pela invocação de João XXIII da necessidade de um Novo Pentecostes na Igreja¹⁰⁴. Em resposta, os católicos teriam procurado a ação do Espírito Santo e reproduziriam as mesmas experiências dos primeiros cristãos, segundo o relato do Novo Testamento; de acordo com os autores da *Ofensiva*: “[...] *Sejam quais forem as diferenças entre a Renovação Carismática e as formas anteriores de renovação, ela situa-se e quer continuar situada na tradição católica* [...]”¹⁰⁵. A ideia de um compromisso pessoal com a fé não é vista como individualismo, e a busca pela “experiência” no Espírito, manifestando dons através do Batismo no Espírito Santo, seria a verdadeira mos-

103 *Ofensiva Nacional: com renovado ardor missionário*, Aparecida/SP, Ed. Santuário, 1993, p. 7.

104 O episódio bíblico do Pentecostes apontado pelos carismáticos como sua inspiração está relatado em Atos dos Apóstolos 2.

105 *Ofensiva Nacional: com renovado ardor missionário*, op. cit., p. 18.

tra de que o sujeito é cristão¹⁰⁶. Em se tratando das questões sociais, a Renovação Carismática trabalharia estimulando primeiramente o retorno do homem à sua fé, mudando-o e assim mudando a sociedade; o debate sobre a promoção humana não poderia deixar de tocar na questão da Teologia da Libertação, e o trecho seguinte é muito elucidativo: *"A genuína práxis da libertação há de estar sempre inspirada pela doutrina da Igreja, como se explica nas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé [...] a Igreja não pode de maneira nenhuma deixar que lhe seja arrebatada, por qualquer ideologia ou corrente política, a bandeira da justiça, que é uma das primeiras exigências do Evangelho, e ao mesmo tempo, fruto da chegada do reino de Deus"*¹⁰⁷.

- **Missão:** assim como no Pentecostes bíblico, os cristãos contemporâneos deveriam usar os dons do Espírito para a evangelização daqueles que estão fora da Igreja ou afastados dela. Essa estratégia vai ao encontro das metas do Vaticano nos últimos anos, que estão ligadas à evangelização mundial, inclusive através dos meios de comunicação (bastante utilizados pela Renovação Carismática).
- **Organização:** os objetivos básicos da Renovação Carismática estão ligados à imagem que os bispos, sacerdotes, religiosos, leigos, a comunidade católica e a sociedade querem passar para o Papa, suas estratégias de estabilização e o crescimento do Movimento.

106 Embasados nas encíclicas de São Paulo, os carismáticos buscam legitimar as manifestações espirituais vivenciadas no Movimento. Ver: Coríntios I e II, Romanos e Gálatas.

107 *Ofensiva Nacional: com renovado ardor missionário*, op. cit, p. 49.

Para alcançar tais metas a Renovação buscaria o apoio das dioceses onde se estabelecesse, organizando-se em várias instâncias para oferecer assessoria e ensino unificado; suas armas seriam a expansão da Escola Paulo Apóstolo e dos serviços das diversas Secretárias.

A aplicação dessas estratégias é observada no *Anuário da RCC do Brasil* (1999)¹⁰⁸, composto pela Comissão Nacional de Serviço. O *Anuário* enfatizou a *Ofensiva Nacional* e, submetida a ela, a *Escola Paulo Apóstolo*. O projeto *Ofensiva Nacional* iniciado em 1994, além de organizar as ações da Renovação Carismática em um projeto de expansão evangelizadora do Movimento por todas as dioceses brasileiras, também organizou encontros, cenáculos, espetáculos e outras atividades para atrair aqueles católicos que estivessem fora do Movimento e, em última instância, aqueles afastados da Igreja.

Em resumo, a *Ofensiva Nacional* preocupou-se em lançar as estratégias para as ações da Renovação Carismática a partir de 1994, período em que o Movimento já estava fortalecido internamente, além de ter alcançado, por parte da CNBB, certo “aval de reconhecimento” com o lançamento do *Documento 53*¹⁰⁹. *Orientações Pastorais Sobre a Renovação Carismática Católica* ou *Documento 53* foi uma das principais publicações da Igreja Católica brasileira sobre a Renovação Carismática Católica, compilando as diversas críticas e determinações feitas pelo clero brasileiro em relação ao Movimento.

Dentre as várias estratégias de expansão da Renovação, a *Ofensiva Nacional* investiu na criação e implantação da

108 CONSELHO e COMISSÃO NACIONAL DA RCC (1999), op. cit.

109 *Orientações Pastorais Sobre a Renovação Carismática Católica*, São Paulo, Paulinas, 1994b.

Escola Paulo Apóstolo, centro de formação para líderes do Movimento Carismático a ser implantado nas diversas dioceses, sob a autorização do bispado local. Esse curso, ainda em funcionamento em diversas regiões, tem uma produção literária vasta, composta não só por manuais e apostilas diretamente utilizados no curso, mas também por diversos textos complementares e de fácil acesso à comunidade carismática, demonstrando a preocupação do Movimento com a difusão de suas ideias e sua popularização.

As apostilas e textos de apoio da Escola Paulo Apóstolo trazem basicamente estudos bíblicos, esclarecimentos sobre a espiritualidade carismática (carismas, Batismo no Espírito Santo, liderança leiga) e estratégias de ação dentro das paróquias. Contudo, dois pontos devem ser destacados nos textos da Escola: as Comunidades de Renovação e o marketing religioso.

a) Comunidades de Renovação:

Como a própria liderança da Renovação Carismática deixa claro em suas colocações, a base do Movimento Carismático vincula-se diretamente à formação das Comunidades de Renovação. Para os carismáticos, a formação dessas Comunidades evidencia a comunhão dos fiéis inspirados pelo Espírito Santo. A opção por uma vida em comum com outros carismáticos significa um passo em direção à “vida cristã plena”, entendida como aquela vivida pelas primeiras comunidades cristãs descritas na Bíblia¹¹⁰.

A idealização das primeiras comunidades cristãs é constante nos textos carismáticos. Baseado nos textos de São

110 EPA. *Partilha para Grupos de Perseverança: orientações gerais para iniciação*, S.J. Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, 1998 n. 0.

Lucas e São Paulo, o Movimento fez da vida dos primeiros cristãos e da ocorrência dos carismas entre eles a justificativa para a presença dos carismas na Igreja de hoje. Contudo, a utilização de tais referências alimentou muitas vezes as críticas à Renovação Carismática.

Dessa forma, o então seminarista Scott Gardner, autor de uma das críticas mais contundentes à Renovação Carismática Católica¹¹¹, buscou desmontar as bases do Movimento Carismático, alertando para o fato de que a existência dos dons carismáticos no início do cristianismo, por exemplo, tinha função específica, e o que hoje aconteceria nos grupos seria fruto apenas dos erros de pessoas desequilibradas ou fruto da “ação demoníaca”. Para Gardner, a Renovação seria um erro que traria destruição para a Igreja Católica, erro iniciado com o Concílio Vaticano II abrindo as portas da Igreja para o mundo (no sentido de que o mundo pertence ao “demônio”) e agora abraçando um movimento semelhante ao protestantismo, herético e apóstata.

Críticas como as de Scott Gardner aparentemente não alcançaram fortemente o Movimento Carismático, uma vez que este continuou a crescer e as Comunidades de Renovação a se multiplicar. No Brasil, a *Comunidade Shalom* (Fortaleza-CE) era uma das maiores do país nos anos 1990, sendo que a Renovação Carismática estava em várias paróquias de

111 GARDNER, S. “A Renovação Carismática Católica: fruto do Concílio Vaticano II, semente de destruição”. Tradução feita do texto original publicada na Revista *The Angelus Press* (Minnesota/EUA), em março de 1998. O artigo foi fornecido por Rafael Gomes Cresci, membro da Comissão Arquidiocesana da Pastoral Universitária, Coordenador do Vicariato Oeste da Arquidiocese Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro através da Internet. Em uma breve entrevista através do programa de bate-papo da Internet “*I Seek You*” (ICQ), Cresci comentou o extremismo das colocações de Gardner, mas ressaltando que cada ponto levantado pelo autor iria ser aos poucos discutido pelos membros da pastoral (entrevista cedida em 15 de março de 2000).

Fortaleza. A comunidade possuía diversas atividades, como uma editora, acampamento de férias, centro de educação, pizzaria, produtoras, atingindo, assim, várias parcelas da sociedade e, de diferentes formas, levando o Movimento Carismático para a cidade de Fortaleza¹¹².

Em São Paulo, as Comunidades de Renovação ainda eram pouco conhecidas naquele momento, sendo a iniciativa mais próxima a *Comunidade Canção Nova*, liderada pelo padre Jonas Abib (1936-2022), em Cachoeira Paulista¹¹³.

b) Marketing Religioso:

As estratégias adotadas pela Renovação Carismática desde a publicação de *Ofensiva Nacional* foram constantemente identificadas com o modelo de ação de uma empresa.

112 BARROS, JR., F.O. (1993), op. cit.

113 "[...] A comunidade foi criada pelo religioso [Jonas Abib] em 1978 com o objetivo de evangelizar por meio da comunicação social. Ao longo dos anos, se popularizou com transmissões de rádio e com a TV, e nos últimos anos pela web. A Canção Nova é reconhecida pelo Vaticano como uma "Associação de fiéis Internacional de Direito Pontifício", o que significa estar a serviço não somente da Igreja local, mas a serviço da Igreja no mundo todo [...] Em 1979, já residindo em Cachoeira Paulista (SP) com jovens missionários, Abib deu início à construção de quatro casas como sede da comunidade. Ao longo dos anos, a Canção Nova se popularizou com o rádio e com a TV, mobilizando milhares de fiéis. Em 2004, foi inaugurado o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, um local para mais de 80 mil pessoas e que todo ano recebe o 'Hosana Brasil', evento gratuito e aberto ao público que recebe milhares de fiéis. A Canção Nova se dedica à evangelização, principalmente destinada aos jovens. Por meio da rádio, da televisão e da internet, a comunidade trabalha com a divulgação de conteúdos católicos e transmissão de missas. Além disso, a comunidade também realizava eventos religiosos, como por exemplo o 'Hosana Brasil', que reúne fiéis sempre no mês de dezembro com o objetivo de agradecer a Deus pelo ano, e diversos acampamentos, como o PHN (Por Hoje Não, por hoje não vou mais pecar)". "Fundada por Jonas Abib, Canção Nova nasceu para se dedicar aos jovens; conheça a história". Disponível em G1 Vale do Paraíba e Região <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/12/13/fundada-por-jonas-abib-cancao-nova-nasceu-para-se-dedicar-aos-jovens-conheca-a-historia.ghtml>>. Acesso em 27/11/2024. Interessante notar que, atualmente, a Canção Nova em suas divulgações e na imprensa não faz constar sua relação com a RCC, fato a ser estudado detidamente no futuro.

Isso foi bem explorado pela dissertação de mestrado de Brenda Maribel Carranza Dávila¹¹⁴, quando a autora avaliou a *Associação do Senhor Jesus* e a *Canção Nova*, duas empresas carismáticas de comunicação. Contudo, essa identificação é muito mais refinada e de fato implementada através de cursos da Escola Paulo Apóstolo, como o módulo *Fé e Marketing*.

Na apostila distribuída pela Escola¹¹⁵, o discurso empresarial foi adaptado à realidade religiosa, sendo o *produto* principal a salvação em Cristo dos *clientes* (fiéis) através do acesso a diversos *produtos* (encíclicas, pastorais etc..). Em suma, para a Renovação Carismática, a Igreja teria o poder de Deus e esse poder deveria ser levado a todos através de estratégias condizentes com a realidade do fiel, sendo uma das armas o marketing religioso. Assim:

*“O homem hoje não se apega mais as marcas tradicionais, e isto acontece também na área religiosa [...] Houve uma mudança social. Nossa maneira de fazer as coisas, precisa acompanhar esta mudança social”*¹¹⁶.

Os dons do Espírito e o Batismo no Espírito Santo foram constantemente tratados como mercadorias ou formas de despertar o interesse dos clientes da fé pela Igreja e pela Renovação Carismática. A impessoalidade e objetividade ao tratar de questões aparentemente tão sensíveis à fé carismática nas apostilas de treinamento parecem um contrassenso, contudo a racionalidade das ações dos órgãos estruturais da Renovação Carismática mantém um equilíbrio ténue com a

114 DÁVILA, B.M.C (1998), op. cit.

115 EPA. *A Fé e o Marketing: Módulo Missão*, São José dos Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, s.d. – Apostila I.

116 EPA, (s.d.) op. cit., p. 7.

espiritualidade do Movimento, sendo compreendida como fruto de inspiração divina¹¹⁷.

A estratégia de marketing mais marcante na história da Renovação foi a utilização dos meios de comunicação. Mesmo sendo uma prática comum na Igreja católica, a utilização da mídia ganhou com a Renovação Carismática grandes proporções, não apenas como tema para as mídias, mas como usuária de seus recursos (programas de TV, rádio, implantação de emissoras ligadas ao Movimento ou a seus simpatizantes, CD's, revistas, internet, entre outras iniciativas)¹¹⁸.

A mídia brasileira começou a dar destaque ao Movimento Carismático no final dos anos 1980, explorando principalmente os encontros de cura promovidos pela Renovação Carismática Católica. Durante a década seguinte, a RC foi tema de várias reportagens de revistas, sendo destacada de forma mais contundente a figura do padre Marcelo Rossi, personagem midiático da Renovação¹¹⁹. O mesmo aconteceu

117 Como foi mencionado, os passos da Renovação Carismática são envolvidos por um véu místico (por exemplo, a fundação do MUR), o que parece conferir um *status* divino às iniciativas práticas.

118 Atualmente, a RCC ainda utiliza essas ferramentas, com destaque para os usos das redes sociais e portais na internet. No site oficial da Canção Nova, por exemplo, é possível ver disponíveis aplicativos, TV, rádio, WhatsApp, loja, Facebook, Twitter, YouTube, Instagram e LinkedIn. Isto também é percebido em outros portais da RCC no Brasil e no mundo.

119 Num levantamento preliminar junto aos arquivos das revistas nacionais *Veja* e *IstoÉ*, entre os anos 1997 e 2000 foram encontradas as seguintes matérias referentes à Renovação Carismática ou a seus representantes mais conhecidos: OYAMA, T. e LIMA, S. "Católicos em Transe", in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, n° 14, 08 de abril/1998; KLINKE, A., ALCADE, L. e SIMAS FILHO, M. "Ele começa a incomodar", in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, n°1524, 16 de dezembro de 1998; PINHEIRO, D. "Novidades no Altar", in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, 05 de maio de 1999; FERNANDES, M. e JUNQUEIRA, E. "Na cola dos crentes", in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, 26 de maio de 1999; CARDOSO, R. "Bafafá da fé", in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, 16 de dezembro de 1998; JUNQUEIRA, E. "Uma estrela no Altar", in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, 04 de novembro de 1998; JUNQUEIRA, E. "Como vender a fé", in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed.

nos meios televisivos, onde a figura dos “padres cantores” e os eventos públicos do Movimento ganharam espaço, inclusive com o lançamento e apresentação de *compact discs* (CD) gravados por esses padres¹²⁰.

A Renovação Carismática Católica e seus membros não foram apenas alvos da mídia nacional. Desde a década de 1980, o padre Eduardo Dougherty veiculava o programa *Anunciamos Jesus* em várias emissoras de televisão (como *Bandeirantes* e *Manchete*). Dougherty é um dos investidores da Renovação na mídia, através de programas apresentados por ele nas emissoras católicas e de trabalhos produzidos pela empresa *Anunciamos Jesus*, como filmes e novelas baseadas nos textos bíblicos e mensagens cristãs.

Duas emissoras de televisão serviam ao público católico brasileiro nos anos 1990-2000. A primeira foi a “Rede Vida”. Esta emissora é fruto da iniciativa de empresários católicos que investiram na fundação do canal, confiantes no retorno que um produto como a Igreja Católica poderia trazer. Mesmo não tendo um vínculo direto com nenhuma corrente dentro da Igreja Católica, a *Rede Vida* possuía vários programas ligados direta ou indiretamente ao Movimento Carismático,

Abril, 09 de junho de 1999; NUNOMOURA, E. “A força católica”, in: *Revista Veja*, São Paulo, Ed. Abril, 20 de outubro de 1999; “As faces da Igreja”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, nº1578, 29 de dezembro de 1999; NASCIMENTO, G. e MORAES, R. – “Revanche católica”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, nº1568, 20 de outubro de 1999; ALVEZ FILHO, F. “Na onda do senhor”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, 25 de novembro de 1998; “A vez dos milagres”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, 24 de dezembro de 1997; RODRIGUES, A. “O padre é pop”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, 16 de dezembro de 1998; “O bonitão do Senhor”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, 12 de novembro de 1997.

120 A exploração intensa da imagem dos padres cantores rendeu muitas críticas, inclusive dentro da Igreja, que via na superexposição desses religiosos o esvaziamento dos valores católicos frente ao mercado e o estrelismo (Cf. KLINKE, A., ALCADE, L. e SIMAS FILHO, M. – “Ele começa a incomodar”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, nº1524, 16 de dezembro de 1998).

além de ter investido nos padres Dougherty e Marcelo Rossi em boa parte de sua programação.

O segundo canal católico foi lançado em 1999 pelo próprio padre Eduardo Dougherty, a emissora *Século XXI* (atual *Rede Século XXI*, RS21). Sua programação era exclusivamente religiosa, tendo padres e freiras como apresentadores. Diferentemente da *Rede Vida*, a *Século XXI* não apresentava programas jornalísticos, esportivos ou de entretenimento que não fossem ligados à Igreja, o que se mantém na atualidade e, como aconteceu com outras emissoras, tomou de assalto às redes sociais e portais da internet¹²¹.

Nas televisões abertas também aconteciam muitas apresentações e eventos ligados à Renovação Carismática. Além da presença constante dos padres cantores, um programa tradicional na *Rede Globo* de televisão, a *Santa Missa em seu Lar*, passou a ser transmitida diretamente do Santuário do Terço Bizantino, onde o padre Marcelo Rossi reunia milhares de pessoas todos os finais de semana.

Enfim, na década de 1990, a Renovação Carismática fortaleceu suas bases e tornou-se visível no Brasil, tanto através dos trabalhos desenvolvidos quanto pelo espaço obtido na mídia, especializada ou não. Apoiado por um plano nacional de desenvolvimento – a *Ofensiva Nacional* – o Movimento Carismático Católico estabeleceu um lugar na Igreja Católica, investindo na popularização de sua mensagem e de suas práticas.

121 Além do núcleo *Anunciamos Jesus* havia ainda dois grupos muito conhecidos e fortes dentro da RCC brasileira que exploram diversos meios de comunicação social, como televisão, rádio, jornais, revistas; eram eles a *Canção Nova* (Cachoeira Paulista/SP) e *Shalom* (Fortaleza/CE).

Depois de décadas de história, a Renovação Carismática passou por processos de adaptação e reorientação empreendidos por seus membros e pela Igreja. Os anos 1990 e 2000 foram o momento em que o Movimento Carismático alcançou o estágio que lhe permitiu investir na divulgação de suas ideias aos diversos setores da sociedade, utilizando recursos variados e garantindo a adesão de elites e de camadas populares, em igualdade de condições.

Capítulo 3

O Pentecostes hoje: Igreja Católica e Renovação Carismática no Brasil

*Oh night thou was my guide
oh night more loving than the rising sun
Oh night that joined the lover
to the beloved one
transforming each of them into the other
The dark night of the soul, Loreena McKennitt¹²²*

I – Manter a unidade respeitando a diversidade: A Igreja Católica do Brasil e sua relação com a Renovação Carismática

A Renovação Carismática iniciou seu trabalho no Brasil atrelada aos grupos de Cursilhos da Cristandade e Treinamento de Liderança Cristã (movimentos onde os padres Dougherty e Haroldo Rahm iniciaram suas atividades no Brasil), cuja atuação era menos comprometida nas questões político-sociais, pelo menos nos moldes da Teologia da Libertação.

122 Música de Loreena McKennitt, letra baseada na oração “O lado escuro da alma”, de São João da Cruz. Arranjo e adaptação de Loreena McKennitt (do álbum *The mask and mirror*, 1994).

Esses movimentos coexistiram com as correntes mais politizadas da Igreja e foram incorporados por ela da mesma forma. O crescimento da Renovação Carismática no Brasil, assim, não passou despercebido pela CNBB e pelo clero católico, motivando, já no começo dos anos 1970, as primeiras avaliações sobre o Movimento Carismático.

Em 1973, o padre Haroldo Rahm foi chamado para a Reunião Pastoral da CNBB, no Rio de Janeiro, para expor o que era a Renovação Carismática Católica e como estava sendo organizada. Na XIV Assembleia Geral da CNBB, em 1974, o tema Renovação Carismática esteve em pauta e, devido a seu crescimento contínuo e expansão em diversas dioceses (presente em 58 dioceses das 128 consultadas em 1977 pela CNBB), foi criado um grupo de estudos para executar levantamentos de dados sobre o Movimento Carismático junto aos bispos brasileiros. Os resultados da pesquisa foram apresentados na XV Assembleia Geral da CNBB, em 1977¹²³.

O ano de 1977 foi um marco para a história das relações entre Renovação Carismática e Igreja Católica, tanto por ser um dos temas principais da Assembleia Geral da CNBB daquele ano, como pelos inúmeros documentos produzidos.

A pesquisa realizada em diversas dioceses através de questionários direcionados aos bispos, entre 1974 e 1977, procurou esclarecer o que era o Movimento Carismático no Brasil, seus objetivos, trabalhos desenvolvidos e quais as posturas dos bispos diante dela. Segundo esta pesquisa, a Renovação Carismática era aceita onde a Teologia da Libertação não estava muito presente, principalmente pela valorização dos carismas, da oração e da maior participação

123 CNBB. *Renovação Carismática Católica: XV Assembleia Geral da CNBB*, Documento 05585, Biblioteca INP-CNBB, 11/05/1977.

na Igreja. Os pontos negativos apontados pelos questionários estavam relacionados à proximidade com o pentecostalismo protestante e o espiritismo¹²⁴, o individualismo, à alienação da classe média que a compunha, o afastamento das pastorais, o biblicismo, ausência de consciência crítica da fé, afastamento da liturgia oficial, fanatismo, subjetivismo, desequilíbrio emocional, supervalorização dos dons extraordinários, entre outros elementos.

Esse tipo de crítica foi uma constante em relação à Renovação Carismática, e não apenas nos documentos da CNBB, mas também nos livros do próprio Movimento, demonstrando como o discurso da liderança carismática estava afinado com aquele da Igreja, comprometido também em moldar o Movimento de acordo com os interesses da Igreja. Muitos dos elementos apontados acima, como o biblicismo ou o afastamento das pastorais da diocese, não são mais citados em textos críticos sobre a Renovação Carismática posteriores, mostrando, talvez, sua boa adaptação a algumas das orientações da CNBB.

Os melhores exemplos dessa modificação estão nos textos de orientação de algumas dioceses. Num texto da diocese de Uberlândia, de 1986, o bispo fez referências constantes aos perigos do excesso de emotividade, aos dons carismáticos e ao respeito à liturgia oficial da Igreja¹²⁵. Da mesma forma, o bispo de Jales (SP), em 1993, não citou a questão do

124 No relatório encontramos o termo espiritismo sem, contudo, maiores informações quanto a essa relação entre RCC e espiritismo. Documentos anteriores e posteriores a este não fazem referências à doutrina espírita, parecendo ser um caso isolado dentro de alguma região ou paróquia pesquisada pelo grupo de estudos da CNBB.

125 CARDOSO de AVELLAR, Dom Frei Estevão. *Orientações e Normas Sobre a Renovação Carismática na Diocese de Uberlândia*. SEDOC: Serviço de Documentação, volume 189, março de 1986, pp. 882-885.

biblicismo ou o afastamento dos trabalhos pastorais locais como uma das preocupações da diocese em relação à Renovação Carismática¹²⁶.

A XV Assembleia Geral da CNBB aprovou algumas propostas de acompanhamento para a Renovação Carismática, produzindo novos relatórios a partir dos dados apontados nos questionários pelos bispos, acrescidos das discussões durante a Assembleia. Foram marcados encontros entre Comissão Episcopal de Pastoral e CNBB para debater a Renovação Carismática Católica e suas práticas, além da solicitação de um trabalho de análise exaustiva do Movimento sob o comando do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) que deveria ser apresentado na próxima Assembleia Geral, no ano seguinte. Uma comissão especial foi nomeada para um acompanhamento constante do Movimento Carismático¹²⁷.

Em 1978, o CERIS apresentou os resultados de suas pesquisas na forma do livro *Renovação Carismática Católica* (Petrópolis, Vozes, 1978), com a organização de Pedro Ribeiro Oliveira.

O trabalho desenvolvido pelo Centro foi um marco na história e na pesquisa sobre a Renovação Carismática no Brasil, tanto por ser um dos primeiros trabalhos sistemáticos sobre o Movimento realizado em nome da cúpula católica nacional, como por ser a primeira análise do Movimento Carismático a partir de preceitos acadêmicos.

126 DIOCESE DE JALES, *Movimento Carismático*, in: *Comunicado Mensal da CNBB*, nº472, junho/julho de 1993, pp. 1126-1128.

127 CNBB. *Renovação Carismática Católica: XV Assembleia Geral da CNBB*, Documento 05585, 11 de maio de 1977.

Mesmo que os trabalhos acadêmicos busquem rigor e isenção frente a seu tema, não passam despercebidos os parâmetros utilizados para as análises e os direcionadores do olhar sobre o objeto. No caso da análise sobre a Renovação Carismática e pelo próprio momento em que o Movimento surgiu na Igreja brasileira, os referenciais analíticos passaram pela Teologia da Libertação, principalmente em relação à sua composição social, política, causas sociais, entre outros aspectos. Muitas vezes foram produzidas análises apoiadas no binômio engajamento/alienação; opção preferencial pelos pobres/classe média e média-alta; razão/emoção:

[A RCC seria] [...] *Um movimento voltado para dentro da própria Igreja, enfraquecendo as posições assumidas pela Igreja Católica da Teologia da Libertação e das CEBs, comprometida com transformações sociais à esquerda* [...] ¹²⁸

[...]

[...] *Eles [os carismáticos] crêem na cura pela imposição de das mãos, [...] abandonando completamente qualquer dos velhos ideais de solidariedade fundados na "opção preferencial pelos pobres" do catolicismo dos anos 1960 e 1970.*" ¹²⁹

Olhando para a Renovação Carismática a partir dos olhos da Teologia da Libertação, os cientistas humanos e sociais investiram numa caracterização do Movimento Carismático como o avesso da Igreja Católica Progressista e a definiram a partir dos conceitos e valores desta mesma Igreja. Ao definir o que seria o papel da Igreja Católica frente a situação socioeconômica brasileira, o modelo válido seria o da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. Assim, ao se

128 PRANDI (1997), op. cit., p. 11.

129 PRANDI (1997), op. cit., p. 24.

analisar a Renovação Carismática e buscar esse modelo dentro dela, as conclusões encontradas apontavam para um movimento alienado, voltado para uma classe média em busca de higiene mental. Os apontamentos de Pedro R. de Oliveira na pesquisa do CERIS foram nessa direção, alertando inclusive para a curta vida que o Movimento Carismático teria¹³⁰.

Ainda em 1977, o texto do Centro já havia recebido críticas de alguns padres, simpatizantes do Movimento. O padre Estevão Bettencourt, em seu texto "Parecer sobre RC – RJ – 08/11/1977"¹³¹, fez algumas reflexões sobre o trabalho de Ribeiro de Oliveira, além de trazer uma análise pessoal do Movimento Carismático.

As críticas ao trabalho do CERIS dirigiram-se à sua visão pouco preocupada com a dimensão religiosa do Movimento Carismático, enfatizando apenas os aspectos sociológicos. Mesmo que o trabalho do Centro tivesse essa intenção, para o padre Bettencourt isso levaria a uma visão empobrecida da Renovação Carismática, reduzindo suas intenções à contestação da autoridade da Igreja, do bispado, por um movimento de uma classe média individualista:

Em suma, o sociólogo parece não apreender a realidade mais genuína da RC, visto que a procura caracterizar estritamente do ponto de vista da estrutura da sociedade, seja a eclesial, seja a civil.¹³²

130 Em 1999, durante a realização do XXVI Simpósio Anual do CEHILA (Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina), Pedro Ribeiro de Oliveira fez algumas observações sobre seu trabalho no CERIS a respeito da Renovação Carismática e reconsiderou algumas de suas ideias sobre o Movimento Carismático, principalmente quanto ao seu breve esvaziamento e fim, o que não aconteceu nos 20 anos desde a publicação de seu livro.

131 BETTENCOURT, padre Estevão. *Parecer: Renovação Carismática*, Documento 05998, 01 de dezembro de 1977.

132 Idem. p. 3.

Para o padre, a Renovação Carismática seria positiva para a Igreja, desde que evitasse a emotividade em excesso, o fanatismo e fosse acompanhada pelos sacerdotes da diocese onde atua. Enfim, para Bettencourt, o Movimento Carismático era a ação dos leigos tomando seu lugar junto na Igreja, como foi estimulado pelo Concílio Vaticano II.

No final dos anos 1970, a Igreja Católica no Brasil passou por um processo duplo de modificação, externo e interno. Externamente, esse período ficou marcado pelo início da redemocratização do país e o retorno dos direitos políticos, possibilitando a rearticulação de instituições ligadas à política de esquerda. A Igreja manteve durante o período do governo militar o papel de “oposição” política no Brasil. Com a abertura política e a redemocratização foi possível a emergência de novos espaços de reivindicações, novas formas de organização da sociedade civil fora da dependência da Igreja (como as associações de bairros, os sindicatos, partidos como o Partido dos Trabalhadores, cuja origem também está nas Comunidades Eclesiais de Base, entre outros), ou seja, a instituição religiosa perdeu sua hegemonia no interior dos movimentos sociais¹³³.

Esses fatos vieram a acelerar modificações no interior da Igreja em relação a suas ações sociais e ao papel da instituição junto à sociedade. Internamente, desde a escolha de João Paulo II como novo Papa, acentuou-se a supremacia das linhas conservadoras no Vaticano e ela se estendeu para todo o mundo católico, não sendo diferente na Igreja brasileira.

Na América Latina as correntes conservadoras nunca desapareceram completamente, e sempre atuaram

133 TANGERINO (1997), op. cit., p. 121.

buscando conter aquilo que consideravam abusivo na Igreja Progressista: a ênfase nas questões sociais e políticas, a aproximação das teorias marxistas e o descaso com a dimensão espiritual da Igreja. Para tanto contaram com órgãos internacionais da Igreja e com articulações do próprio Vaticano. Segundo Della Cava:

Apoiada do ponto de vista teológico, moral e financeiro por uma ala conservadora da hierarquia eclesiástica católica da Alemanha-Occidental, a recém-criada facção da *Aliança Euro-Latina*, de caráter transnacional, partiu para a conquista de Roma, por ocasião do Quarto Sínodo dos bispos, ali realizado às vésperas da eleição de Wojtyła, descobrir-se-ia que a sorte estava lançada e que se decidira arrancar a Igreja do Povo da política para trazê-la de volta à sacristia¹³⁴.

A cúpula vaticana investiu no desmantelamento da Igreja Progressista e na desarticulação dos teólogos da libertação através de medidas disciplinares diretas, além de diminuir a influência dos religiosos progressistas dentro das paróquias nacionais¹³⁵.

134 DELLA CAVA, R. "A Igreja e a Abertura, 1974-1985", in: KRISCHKE, P. e MAINWARING, S. *A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1974-1985)*, São Paulo, L&PM, 1986, p. 28.

135 Em meados da década de 1980, o Cardeal Ratzinger (futuro Papa Bento XVI, 2005-2013), responsável pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, publicou a *Instrução sobre aspectos da Teologia da Libertação*, o que reforçou, oficialmente, o desagrado do Vaticano em relação à Teologia da Libertação. Em 1985, Leonardo Boff foi condenado ao silêncio pelas acusações contra a Igreja contidas no livro de sua autoria *Igreja, Carisma e Poder* (Petrópolis, Vozes, 1982). Além dessas medidas, outras ações vindas do Vaticano atingiram religiosos da Igreja Progressista. Nos anos 1990, mudanças nos arcebispados brasileiros, trocando religiosos ligados à Igreja Progressista por arcebispos de linha mais conservadora, selaram o caminho que o atual papado imprimia dentro de sua hierarquia (o caso mais conhecido foi a divisão do arcebispado paulistano em quatro partes, dividindo o poder que até então estava centrado nas mãos de D. Evaristo Arns, um expoente das lutas sociais da Igreja desde os anos 1960, com mais três arcebispos reconhecidos por sua postura conservadora).

Os efeitos dessas medidas podem ser reconhecidos pela ascensão de movimentos católicos menos engajados nas discussões sociais e pelo recuo da chamada Igreja Popular nos anos que se seguiram. Isto não significou seu desaparecimento, mas a mudança de ênfase e investimento da Igreja Católica nas correntes nela contidas.

Para a Renovação Carismática, essa fase da história da Igreja trouxe a possibilidade de desenvolvimento e afirmação de seu lugar no campo católico brasileiro. A década de 1980 foi para a Renovação Carismática a fase de fortalecimento e organização, o que ficou evidente na década seguinte.

As referências à Renovação na instituição católica nesses anos tornaram-se raras, exceto por algumas medidas das Igrejas Particulares – ou seja, paróquias e dioceses – junto ao Movimento Carismático.

Foram lançados alguns pareceres de dioceses sobre a Renovação Carismática Católica, principalmente normas disciplinares para grupos de oração e seus membros. São eles: Cúria Diocesana de Taubaté, “Normas Disciplinares para Renovação Carismática Católica (na diocese de Taubaté-SP)”; Dom Frei Estevão Cardoso de Avellar, “Orientações e Normas Sobre a Renovação Carismática na Diocese de Uberlândia”; Dom D. Picão, “Renovação Carismática: Problemas e Orientações (Instrução Pastoral nº26/1986) – Diocese de Santos”; Diocese de Jales, “Movimento Carismático”¹³⁶.

136 Respectivamente, Documento 07106 (INP-CNBB), 23 de julho de 1979; *SEDOC: Serviço de Documentação*, volume 189, março de 1986, pp.882-885; Documento 19332 (INP-CNBB), 25 de setembro de 1987 (Cf. Anexo I). É preciso salientar que os Documentos Pastorais tem algumas especificidades, de acordo com as regiões, número de paróquias e a própria autoria de seus textos, guardando peculiaridades na forma de abordar o tema da Renovação Carismática, a profundidade de suas observações e mesmo a linguagem utilizada.

Nesses documentos os bispos ou responsáveis pelas dioceses deram-nos a ideia da Renovação Carismática como positiva para a Igreja, um fruto do Vaticano II, mas necessitando controle e orientação por parte da cúpula da Igreja. O Movimento deveria respeitar e obedecer às ordens dos padres e bispos, evitando assim os exageros em relação aos dons espirituais, a emotividade desmedida, o separatismo e o afastamento da liturgia oficial. Interessante notar que estas colocações são razoavelmente próximas nos diferentes documentos, mesmo com a distância temporal. A cada novo grupo formado, são reforçadas as orientações vindas da Igreja desde a chegada do Movimento Carismático no Brasil.

A questão do respeito à autoridade é muito forte em todos os textos de orientação vindos da Igreja. Se considerarmos que na Renovação Carismática a relação entre o fiel e Deus, representada em especial pela manifestação dos carismas, dispensaria a intermediação da autoridade religiosa, o Movimento Carismático representaria um desafio significativo à hierarquia católica. A insistência na tutela por parte da paróquia onde se estabeleceu e a participação cada vez maior de religiosos nos grupos mantém a Renovação Carismática sob o controle da Igreja, além de defender as posições hierárquicas (fiel – autoridade religiosa – Deus).

Nos trabalhos desenvolvidos sobre a Renovação Carismática, são feitas referências à *institucionalização dos carismas*, ou seja, a burocratização de sua potencialidade e de práticas carismáticas, estabelecendo momentos específicos de manifestação e controle dessas ocorrências¹³⁷. Contudo, este controle não esgotou a ocorrência dos dons carismáticos, o que poderia significar a perda de identidade

137 DÁVILA, B.M.C (1998), op. cit.

do Movimento, mas evitou a formação de uma hierarquia paralela, submetendo a liderança às autoridades religiosas.

Em 1993, Dom Clemente Isnard (1917-2011) escreveu para os membros da Renovação Carismática da Diocese de Nova Friburgo (RJ) um comentário sobre o texto da *Ofensiva Nacional* da Renovação Carismática Católica que seria, mais tarde, o carro-chefe para as ações da Renovação Carismática Católica no Brasil¹³⁸. Com críticas muito duras, Dom Isnard disse que o texto da Renovação era equivocado, chegando ao heretismo, uma vez que se aproximava muito do pentecostalismo protestante, inclusive nas interpretações das passagens bíblicas. Para ele, o que o Movimento Carismático faria com a *Ofensiva Nacional* seria reduzir a graça a uma experiência psicológica:

[...] O perigo de reduzir a graça a uma “experiência” psicológica está latente no movimento carismático, e encontra fundamento no documento, página 14, no inciso “a experiência de Jesus Cristo como presença e do Espírito Santo como poder”. Daí, a tendência da RCC promover a “emoção” [...] O reconhecimento de que “Nem tudo é experiência” na mesma página 14, não desfaz a tendência da espiritualidade carismática. Creio necessário insistir no caráter transpsicológico da graça¹³⁹

A apostila *Ofensiva Nacional*, criticada por D. Isnard, foi publicada em 1993 como a síntese do trabalho da Renovação Carismática e estabelecimento das metas a serem alcançadas pelo Movimento na Igreja Católica nacional.

138 Cf. Anexo II: ISNARD, Dom Clemente – *Renovação Carismática Católica – Diocese de Nova Friburgo/RJ*, in: *Comunicado Mensal da CNBB*, nº476, novembro de 1993 – pp. 2057-2059.

139 Idem, p. 2059.

Em 1994, a CNBB publicou um dos mais importantes documentos da Igreja Católica brasileira em relação à Renovação Carismática, o *Documento 53* (CNBB, *Orientações Pastorais Sobre a Renovação Carismática Católica*, São Paulo, Paulinas, 1994b).

O *Documento 53* foi elaborado a partir das discussões desenvolvidas na XXXII Assembleia Geral da CNBB¹⁴⁰, em abril de 1994. Segundo as palavras do Secretário-Geral da CNBB daquele ano, Dom Antônio Celso Queiroz (1933-2023):

Uma nova comissão episcopal foi constituída e retomou o trabalho em diálogo com a Comissão Nacional da RCC e com bispos e padres a ela mais ligados. Outras colaborações foram igualmente pedidas e recebidas. A partir de tudo isso, a comissão elaborou um novo texto enviado à Presidência e CEP e por elas cuidadosamente estudado. As sugestões apresentadas levaram a comissão a reelaborar o texto, resultando numa segunda redação significativamente modificada. Enviado previamente a todos os membros do Conselho Permanente, o texto foi reescrito a partir das indicações feitas. Foi, portanto, uma terceira redação do texto que o Conselho discutiu, modificou e votou em sua reunião de novembro deste ano, aprovando-o por unanimidade de seus membros¹⁴¹

De maneira geral, o *Documento 53* reuniu as orientações anteriormente dadas ao Movimento Carismático pelas paróquias e dioceses onde se estabeleceu e dispersas em outros documentos da liderança católica. Apoiado no princípio segundo o qual o Espírito Santo é o propulsor da Igreja, o texto encaminhava a Renovação Carismática em seus aspectos

140 CNBB. *Levantamento sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil*, Itaici/SP, 32ª Assembleia Geral da CNBB, abril, 1994a

141 Cf. Anexo III: CNBB. *Orientações Pastorais Sobre a Renovação Carismática Católica*, São Paulo, Paulinas, 1994b – apresentação.

teológicos, litúrgicos, pastorais e práticos, principalmente no que dizia respeito ao cotidiano nas Igrejas Particulares. Nisso reside a importância desta publicação, pois faz uma síntese das argumentações e caminhos apontados pela Igreja em relação à Renovação Carismática naquelas décadas.

A primeira parte do documento foi voltada ao embasamento teológico (através de textos bíblicos, encíclicas, bulas, decretos, e outros documentos da hierarquia católica) da ação do Espírito Santo na Igreja, aos carismas e à participação leiga no cotidiano das igrejas. De acordo com o texto, tendo o episódio bíblico do Pentecostes como símbolo da formação da Igreja, as ações do Espírito Santo hoje seriam esperadas, mesmo que suas manifestações fossem diferentes na Igreja:

Hoje Ele continua renovando a Igreja através de múltiplas e novas expressões de fé e coerência cristã. Podemos enumerar como frutos do Espírito os novos sujeitos da evangelização; a expansão e vitalidade das CEBs; movimentos de renovação espiritual e pastoral; a própria RCC; o engajamento de leigos na transformação da sociedade; a leitura da Bíblia à luz das situações vividas na comunidade; a liturgia mais participada com a riqueza de seus ritos e simbologia; a busca de evangelização inculturada; a fidelidade de muitos na vida quotidiana; as lutas do povo para a implantação dos direitos humanos; a prática da justiça e da promoção social (cf. CNBB, Doc. 45, 301-302).¹⁴²

O Espírito Santo estaria presente na Igreja para garantir a união, a santificação e o ensinamento de todos os membros da Igreja, sendo seus frutos os carismas, voltados para o bem da comunidade. Todos aqueles que compõem a Igreja receberiam dons de acordo com os desígnios do Espírito

142 CNBB (1994b) op. cit., Item 15.

Santo, sendo a missão dos agraciados a edificação do corpo de Cristo.

Em suma, a CNBB reconheceu as experiências vividas dentro do Movimento Carismático através da teologia, insistindo, porém, no cuidado em relação aos dons carismáticos e à utilização desses mesmos dons, principalmente no que diz respeito ao significado deles para a Igreja, num processo de disciplinarização de suas práticas.

A segunda parte do texto refere-se especificamente aos aspectos pastorais da Renovação Carismática. A primeira preocupação dos autores do *Documento 53* foi enfatizar a inserção do Movimento Carismático em um universo católico maior, composto por outros movimentos e pelo respeito às estruturas eclesiais. O conteúdo do documento trouxe a necessidade de cada diocese e cada paróquia reconhecer a presença da Renovação Carismática em suas respectivas jurisdições e a necessidade de acompanhamento dos grupos por parte das autoridades religiosas da região, assim como a observância de boas relações entre os diferentes movimentos nas Igrejas Particulares, evitando os conflitos intrareligiosos e garantindo sua autoridade sobre o Movimento.

Fazendo referências aos deveres do Movimento Carismático, o documento insistiu na escolha cuidadosa dos líderes dos grupos carismáticos entre fiéis reconhecidos nas comunidades, no trabalho conjunto com as diversas pastorais da Igreja e na constante anuência do bispado local em relação ao material utilizado pelos grupos (livro de orações, cantos, apostilas etc.) e aos convidados para palestras, encontros e outros eventos carismáticos¹⁴³. Um dos pontos

143 CNBB (1994b), op. cit., Itens 16 a 32

mais relevantes nesse primeiro bloco de orientação foi a preocupação de seus autores em solicitar que:

O programa recentemente lançado pela RCC no Brasil, intitulado “Ofensiva Nacional”, assuma o Objetivo e as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Seus projetos só poderão ser implantados em sintonia com os organismos pastorais da Diocese¹⁴⁴

Os pontos seguintes dizem respeito à leitura da Bíblia, liturgia e dimensão da fé: no caso da leitura da Bíblia o documento alertou para os cuidados com a leitura fundamentalista das Escrituras e a interpretação mágica dos textos bíblicos, incentivando a formação dos carismáticos junto aos grupos de estudos bíblicos. Em relação à liturgia, a ênfase esteve no respeito aos ritos oficiais da Igreja, o controle das manifestações de louvor nestes ritos e o cuidado para “que não haja coincidência de reuniões de grupos ou outras iniciativas da RCC com a celebração da Santa Missa ou outras celebrações da comunidade eclesial”¹⁴⁵. Por fim, no tocante à dimensão da fé, o documento alertou para a sua vivência para além do seu significado pessoal, ou seja, o compromisso que os fiéis têm no exercício da fé nas ações cotidianas, seguindo inclusive as orientações da Igreja através da Doutrina Social e da opção preferencial pelos pobres – enfim, o compromisso social.

A última parte do *Documento 53* foi dedicada às características e ações da Renovação Carismática que deveriam ser revistas e modificadas. Entre os vários pontos criticados estava o uso da expressão “Batismo no Espírito Santo”, a ser substituída por “efusão do Espírito Santo” – o que já encontramos nos documentos da Renovação. Ficou estabelecida a

144 CNBB (1994b), op. cit., Item 30.

145 CNBB (1994b), op. cit., Item 44.

necessidade do acompanhamento dos bispos na ocorrência dos carismas, principalmente em relação aos dons de cura, profecia e línguas para que não sejam atribuídos à mágica e à superstição¹⁴⁶. Os dons carismáticos ainda deveriam ser passíveis de discernimento por parte de pessoas habilitadas e com conhecimento, em especial, religiosos.

O texto ainda insistiu nos cuidados com a valorização dos “poderes do mal”, a prática de exorcismo e a preocupação exagerada com o “demônio”:

67 - Poder do mal e exorcismo: Cristo venceu o demônio e todo o espírito do mal. Nem tudo se pode atribuir ao demônio, esquecendo-se o jogo das causas segundas e outros fatores psicológicos e até patológicos.

68 - Quanto ao “poder do mal”, não se exagere a sua importância. E não se presuma ter o poder de “expulsar” demônios. O exorcismo só pode ser exercido de acordo com o que estabelece o Código de Direito Canônico (Cân. 1172). Por isso, seja afastada a prática, onde houver, do Exorcismo exercido por conta própria.

69 - Procure-se ainda formar adequadamente as lideranças e os membros da RCC para superar uma preocupação exagerada com o demônio, que cria ou reforça uma mentalidade fetichista, infelizmente presente em muitos ambientes¹⁴⁷

Após a publicação do *Documento 53*, as referências ao Movimento Carismático por parte da CNBB tornaram-se menos incisivas. Todavia, é possível imaginar que nas Igrejas Particulares o acompanhamento tenha se intensificado quando a Renovação Carismática virou alvo da mídia.

146 CNBB (1994b), op. Cit., Itens 54 a 69.

147 Idem.

Ser alvo da mídia e explorá-la custou, após 1994, muitas críticas e advertências formais por parte das autoridades católicas ao Movimento Carismático. Atingindo principalmente os padres cantores, essas advertências buscavam refrear a exposição exagerada e as declarações pouco condizentes com a imagem que a Igreja ainda busca preservar¹⁴⁸.

As advertências teriam vindo diretamente do Vaticano e sido efetivadas pelos Arcebispos. As autoridades eclesiais sempre ponderaram sobre o papel dos padres cantores na atração de fiéis de volta à Igreja Católica, porém advertem sobre a continuidade do trabalho, o acompanhamento para tornar esses fiéis conscientes dos ensinamentos da Igreja e da fé católica¹⁴⁹.

De maneira geral, a Igreja Católica no Brasil acompanhou a Renovação Carismática Católica, empenhando-se em manter o Movimento sob seu controle e encaminhá-lo de acordo com as metas gerais da Igreja. Este controle não foi sempre visível e pareceu acontecer no interior de cada Igreja Particular, evidenciado pela submissão devida ao bispado local por parte de todos os grupos e atividades do Movimento.

Outras fontes que poderiam ser consideradas como “vozes” da Igreja são os textos publicados por pesquisadores e teólogos da Igreja em revistas oficiais como a *Revista Eclesiástica Brasileira, Pergunte e Responderemos* e

148 Em 1998, o Vigário-Geral e moderador da Cúria do Rio de Janeiro, Dom Augusto Zini Filho (1932-2006), expediu nota oficial criticando o “estilo de vida e o modo de se expressar” dos padres, principalmente depois das declarações do padre Francisco Marques Filho de que gostava de frequentar a vida noturna e usar roupas de grife, “[o que] ‘Não condiz com a opção de vida despojada de um padre’” (Cf. KLINKE, A., ALCADE, L. e SIMAS FILHO, M. “Ele começa a incomodar”, in: *IstoÉ*, São Paulo, Ed. Três, nº1524, 16 de dezembro de 1998, p. 124).

149 A existência de religiosos cantores não é novidade na Igreja Católica. Um dos mais conhecidos é o padre Zezinho, que desde os anos 1970 grava discos com canções religiosas, músicas que até hoje são conhecidas nos meios católicos.

*Atualização*¹⁵⁰. Mesmo expondo suas ideias a partir de um ponto de vista mais voltado às ciências sociais e humanas, os autores pouco inovam em suas colocações em relação ao que foi apresentado nos textos oficiais da Igreja e aos analistas leigos. Esses trabalhos parecem apenas reforçar, agora através de um campo “científico”, as visões já cristalizadas da Renovação Carismática.

II – Entre conservadores e progressistas

Do ponto de vista tradicionalista, existe o temor das inovações desastrosas, a instauração de uma hierarquia carismática, novas ‘confusões ecumênicas’, a manipulação dos grupos ingênuos, vítimas da politização da esquerda.

Do ponto de vista progressista, verifica-se o receio de que tal misticismo seja desmobilizador, sirva para as recuperações clericais mais convencionais, ou se torne mesmo o cavalo de Tróia do tradicionalismo.

O integrismo vê nisto uma infiltração protestante anglo-saxônica. Mas os meios protestantes americanos o encaram como fenômeno marginal de contracultura: ‘Um revival, um sonho a mais, após tantos outros, passageiros porque fundados na emoção coletiva. Mais ainda,

150 CAMPION, H. “A Renovação Carismática”, in: *Pergunta e Responderemos*, Seção, Sim ou Não, nº282, setembro/Outubro de 1985, pp.372-384; MIRANDA, Dom Antônio A. de. “O que é preciso saber sobre a Renovação Carismática”, in: *Pergunta e Responderemos*, Seção Zelo Pastoral e Equilíbrio, nº374, julho de 1993, pp. 318-328; CARTAXO ROLIM, F. “Em torno da Renovação Carismática”, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Nº55, fasc. 218, junho de 1995, pp. 365-390; RIBEIRO, A. L. do Vale. “Considerações sobre as Orientações Pastorais da CNBB sobre a Renovação Carismática Católica”, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, nº56, fasc. 221, março de 1996, pp. 163-170; IULIANELLI, J. A. Silva. “Pastoral Neoconservadora Ma Non Troppo: RCC e CEBs: algumas Questões comparativas”, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, nº57, fasc. 225, março de 1997, pp. 5-38; CALIMAN, C. “O Movimento de Renovação Carismática”, in: *Revista Atualização*, 1977, pp. 95-111 e CALIMAN, C. “Carismas e Carismáticos”, in: *Revista Atualização*, 1978, pp. 348-360.

misticismo sentimental e efeminado' (opinião publicada no *Present Truth*, Fallbrook, EUA, p. 28), e uma série de epítetos preparados para casos semelhantes são apontados: fundamentalismo, iluminismo, emocionalismo, elitismo etc.¹⁵¹

Constantemente as diferenças entre a Renovação Carismática e as correntes progressistas foram discutidas nos trabalhos acadêmicos. Porém, o Movimento Carismático também encontrou críticos entre os conservadores, mesmo compartilhando ideias e comportamentos semelhantes.

Podemos definir os grupos católicos conservadores a partir de sua preocupação em manter e difundir os valores tradicionais católicos, atribuindo à Igreja o papel de agente espiritual das sociedades. Os conservadores católicos investem na liturgia oficial da Igreja, no estudo da espiritualidade tradicional, além de mostrarem resistência aos novos movimentos católicos e às novas espiritualidades.

A preocupação com a conduta moral (principalmente em termos familiares e sexuais) de seus membros; o respeito acentuado às decisões das autoridades religiosas; o envolvimento discreto em questões sociais, reservado ao assistencialismo e a caridade; o combate às ameaças do mundo contemporâneo, em especial no campo político, como o comunismo, o socialismo e outras políticas de esquerda; estas preocupações aproximam muitos grupos tradicionalistas católicos e, junto a eles, a Renovação Carismática Católica.

Assim como entre as correntes progressistas da Igreja encontramos diferentes formas de agir e pensar, nos meios tradicionalistas não é diferente. E essa tensão interna atinge

151 LAURENTIN (1977), op. cit., p. 12.

as relações entre a Renovação Carismática e setores conservadores da Igreja católica.

Muitos críticos atribuem à Renovação Carismática um papel conservador, de estímulo alienador dos fiéis católicos frente aos problemas do país. A imagem de escolhidos da Igreja como agentes da nova evangelização, propagada pelos próprios carismáticos, reforçou a identificação do Movimento com o conservadorismo vaticano. Porém, o fato dos carismáticos possuírem características que os aproximam das posturas conservadoras da Igreja Católica não os imuniza de críticas. Algumas das fontes desse conflito estaria no comportamento carismático em relação à liturgia e à interpretação teológica dos carismas¹⁵².

No “campo conservador” encontramos grupos que veem no Vaticano II e seus frutos a origem das “crises” da Igreja e acreditam na necessidade de retornar ao período pré-conciliar. Um dos pontos debatidos é a volta da missa tradicional, inclusive rezada em latim (como sugerem os LeFebvrianos), o que acaba por chocar-se com a forma carismática de conduzir o rito – depois do Concílio Vaticano II o ritual da missa foi simplificado, desagradando parte dos católicos tradicionalistas. Com a Renovação Carismática, além da simplificação, na missa aumentou a utilização das músicas, da expressão corporal e a participação dos assistentes de forma mais acentuada durante o ritual.

Para alguns conservadores, o Movimento Carismático seria desrespeitoso com a liturgia da Igreja e, muitas vezes,

152 Sobre os embates teológicos entre conservadores e carismáticos, Cf. HERSHMAN, G. “Um Olhar mais Atento sobre a Renovação Carismática”. Traduzido do original publicado na revista Faith & Reason; Inverno 1993.

considerado uma obra demoníaca, em especial pelas manifestações espirituais:

É bem sabido [sic] que o Diabo e seus demônios podem produzir prodígios que a princípio parecem milagres para os mais desavisados, como na história do Mago Simão e sua “milagrosa levitação” desbancada por São Paulo. Portanto é extremamente perigoso ir aceitando de cara, qualquer fenômeno extraordinário como sendo de origem divina¹⁵³.

Tais críticas tão diretas não são facilmente encontradas em documentos oficiais da Igreja, contudo, informalmente, elas são feitas à Renovação Carismática, em especial no âmbito paroquial e nos veículos de discussão dos católicos¹⁵⁴.

Enfim, aparentemente a Renovação Carismática, assim como outros movimentos católicos, não pode ser considerada uma unanimidade dentro da Igreja, mesmo tendo uma boa aceitação entre as lideranças católicas no Brasil e no Vaticano. Considerado por linhas conservadoras e progressistas um movimento opaco e sem sentido para a vida da Igreja Católica, a Renovação Carismática continua, contudo, mantendo suas atividades e sendo recebida, talhada e reconhecida por autoridades eclesiais.

153 GARDNER, S. “A Renovação Carismática Católica: fruto do Concílio Vaticano II, semente de destruição”, 1998.

154 Algumas dessas fontes são os diversos grupos de discussão virtuais e sites de diferentes movimentos católicos, pastorais ou de fiéis independentes. A possibilidade de expor e discutir suas opiniões com católicos de várias regiões, aparentemente, auxilia na resistência ao que se consideram desvios graves na Igreja. Os critérios para a investigação dessas fontes ainda não são definidos com clareza, porém, as informações nelas contidas podem trazer visões da Igreja do ponto de vista do cotidiano de seus fiéis.

À Guisa de Conclusão

*If I don't believe in Jesus, how can I believe the Pope
If I don't believe in heroin, how can I believe the dope
If there's nothing but survival, how can I believe in sin
In a world that gives you nothing, we need something
to believe in*

Something to Believe in, J. B. Jovi

Com mais de 50 anos, a Renovação Carismática transformou-se em um Movimento de destaque no campo religioso católico e na sociedade, como tema constante nos meios de comunicação, em especial no seu período áureo, entre os anos 1990 e 2000.

Nascida entre leigos católicos nos Estados Unidos, a Renovação Carismática esteve exposta à influência da tradição protestante e foi considerada muitas vezes uma *pentecostalização* de setores da Igreja Católica. Entretanto, a observação mais detida de suas características e do trabalho do clero junto ao Movimento, apontam para um perfil da Renovação Carismática como representante da espiritualidade católica. A “novidade” da crença na manifestação de dons carismáticos, que tanto chamou a atenção da mídia e de muitos cientistas humanos e sociais, não é estranha à tradição católica, e a história da Igreja demonstra esta afirmação. Os carismas, porém, ganharam notoriedade por ocorrerem numa sociedade dita secularizada e cientificista.

Institucionalmente, a formação de uma hierarquia carismática, que disporia da intermediação da hierarquia oficial, esteve no centro das preocupações das autoridades

católicas, evidenciada pelos esforços no acompanhamento da Renovação pelo clero e na chamada “institucionalização dos carismas”. Aos olhos de alguns observadores dos fenômenos religiosos, esta ação descaracterizou o Movimento Carismático, levando à supressão de seu potencial subversivo. É preciso salientar, contudo, que a combatividade da Renovação Carismática não tem como alvo a modificação estrutural da Igreja, mas reformar a relação dos fiéis com a experiência religiosa. Este fato foi explorado pela Igreja de forma a evitar o descontrole das práticas carismáticas, acompanhando o Movimento e dosando a espontaneidade e as experiências místicas que o caracterizavam.

Essa busca por uma renovação espiritual da Igreja produziu no Movimento Carismático uma autoimagem de “combatente no espírito”. Atingidos pelo discurso constante da Igreja sobre as ameaças da secularização e o esmorecimento da fé, os carismáticos creditam, assim como outros movimentos (embora de outras formas), a suas ações renovadoras uma forma de auxílio à Igreja Católica diante da “crise” religiosa. Essa relação entre o discurso da Igreja e a resposta dos movimentos expõe algumas estratégias no universo católico, promovendo modificações quando a instituição acredita ser necessário ou mantendo suas posições sem, contudo, expressar uma aparente estagnação.

No Brasil, essa relação com a Igreja trouxe um elemento a mais na construção do Movimento Carismático, o que influenciou significativamente o discurso acadêmico em torno da Renovação: a supremacia das correntes ligadas à Teologia da Libertação na Igreja brasileira durante parte desses décadas. Primeiramente, essa presença impôs novos debates sobre o Movimento Carismático, em especial

aquele referente a sua posição frente aos problemas sociais brasileiros, tema tão importante para a Igreja no período. Em resposta, a Renovação Carismática investiu em iniciativas sociais – de acordo com sua forma de pensamento – ligadas ao assistencialismo e à promoção humana, o que pouco influenciou numa mudança profunda das estruturas geradoras dos problemas sociais.

Posteriormente, esta postura tida como conservadora estimulou interpretações, tanto acadêmicas quanto de setores da Igreja, segundo as quais Teologia da Libertação e Renovação Carismática ocupariam campos opostos no quadro católico nacional, inclusive atribuindo ao Movimento Carismático o objetivo deliberado de choque com as correntes da Teologia da Libertação, numa manobra engendrada pelo papado de João Paulo II.

Entretanto, tais interpretações parecem não considerar alguns aspectos da história do Movimento e mesmo da Teologia da Libertação. Durante o estabelecimento da Renovação Carismática no Brasil houve apoio e acompanhamento por parte da CNBB, órgão máximo da Igreja e, então, mais próximo das correntes ligadas à Teologia da Libertação. Mesmo tendo a oposição de alguns grupos dentro da Igreja, o Movimento Carismático teve a possibilidade de se organizar e se expandir, numa demonstração por parte da Igreja de reconhecimento da Renovação como um movimento católico potencialmente interessante.

Junto a isso, os problemas enfrentados há vários anos pela Teologia da Libertação e seus movimentos estão relacionados à mudança da política vaticana com a ascensão do papado de João Paulo II; ao fortalecimento das correntes conservadoras católicas ativas antes mesmo da expansão

da Renovação Carismática e à perda de sua importância no quadro sócio-político brasileiro, com a redemocratização do país e a retomada dos direitos políticos no final dos anos 1970. Esta conjuntura provocou, assim, uma crise de identidade na porção da Igreja ligada à Teologia da Libertação, enfraquecendo suas iniciativas.

Quanto às correntes conservadoras da Igreja Católica, as quais o Movimento Carismático foi associado por muitos pesquisadores e observadores, existe resistência às práticas e interpretações teológicas da Renovação Carismática Católica. A manifestação dos carismas, o Batismo no Espírito Santo e as missas festivas são alguns dos temas que causam controvérsias entre conservadores e carismáticos, levando a acusações de exagero e mesmo de heresia sobre o Movimento Carismático.

Essas considerações pretendem apontar para a necessidade de se redimensionar as interpretações sobre a Renovação Carismática, não apenas no que diz respeito a si própria, mas também pela contribuição significativa em relação à história da Igreja nas últimas décadas.

Os trabalhos desenvolvidos nesses anos investiram mais na análise das correntes progressistas da Igreja, reservando pouco destaque a outros movimentos. Com o crescimento do interesse da mídia pela Renovação Carismática, esta passou a figurar como tema para várias obras nas ciências humanas e sociais. Contudo, os filtros utilizados em sua avaliação ainda estavam presos a um modelo de Igreja Católica, nos rastros da Teologia da Libertação.

Avaliar o Movimento Carismático através de seus próprios marcos pretendeu ser um refinamento nos trabalhos sobre a Igreja no Brasil, uma vez que expõe dimensões ainda pouco

exploradas do universo católico. A inserção da Renovação Carismática no Brasil e a acentuada expansão que experimentou, mesmo antes da exploração da mídia, evidencia o espaço que o movimento teve em nossa sociedade, provavelmente pela forma como a tradição católica imprimiu a capacidade de assimilação de suas diversas correntes, influenciando diretamente na construção de nossa cultura.

Muitos aspectos sociais e culturais da história do Brasil são marcados pela tradição e pela história da Igreja Católica e, nesse sentido, um trabalho sobre a Renovação Carismática contribui para a compreensão do nosso universo cultural.

Referências:

Periódicos (revistas)

Jesus Vive e é o Senhor: Renovação Carismática Católica. IV Congresso Internacional (maio 1981). **Roma**: temas e Conferências. Ed. Louva-a-Deus, s.d.

CALIMAN, C. O Movimento de Renovação Carismática, in: **Revista Atualização**, 1977, pp. 95-111.

_____. Carismas e Carismáticos in: **Revista Atualização**, 1978, pp. 348-360.

CAMPION, H. A Renovação Carismática, in: **Pergunta e Responderemos**, Seção Sim ou Não, n. 282, setembro/outubro de 1985, pp. 372-384.

MIRANDA, Dom Antônio A. de. O que é preciso saber sobre a Renovação Carismática, in: **Pergunta e Responderemos**, Seção Zelo Pastoral e Equilíbrio, n. 374, julho de 1993, pp. 318-328.

CARTAXO ROLIM, F. Em torno da Renovação Carismática, in: **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 55, fasc. 218, junho de 1995, pp. 365-390.

RIBEIRO, A. L. do Vale. Considerações sobre as Orientações Pastorais da CNBB sobre a Renovação Carismática Católica, in: **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 56, fasc. 221, março de 1996, pp. 163-170.

IULIANELLI, J. A. Silva. Pastoral Neoconservadora Ma Non Troppo: RCC e CEBs: algumas Questões comparativas, in: **Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 57, fasc. 225, março de 1997, pp. 5-38.

OYAMA, T. & LIMA, S. Católicos em Transe, in: **Revista Veja**, São Paulo, ed. Abril, n. 14, 08 de abril/1998.

JUNQUEIRA, E. Uma estrela no altar, in: **Revista Veja**, São Paulo, ed. Abril, n. 44, 04 de novembro de 1998.

KLINKE, A; ALCALDE, L. & SIMAS FILHO, M. Ele começa a incomodar, in: **Revista IstoÉ**, São Paulo, Ed. 3, n. 1524, 16 de dezembro de 1998.

Periódicos (Coleções)

O Novo Pentecostes. Ed. Loyola.

ROSAGE, msgr D.; TUNINK, D.W. e CLAYPOOL, J. **Maria e o Espírito Santo**, s.d.

CLARK, S. **Batizados no Espírito Santo**, 1976.

_____. **Os dons espirituais**, s.d.

FORREST, padre T.; CUARTAS, padre J e GAVRILIDES. **O dom de línguas**, s.d.

VÁRIOS. **A experiência de Pentecostes**, 1986.

CLARK, S. **Crescer na fé**, 1989.

VÁRIOS. **A vida carismática**, 1976.

VÁRIOS. **O dom de curar**, s.d.

A cura pela oração, s.d.

ALDUNATE, padre P. **Carismas, ciência e espíritos**, s.d.

TILLESSE, padre MINETTE de. **A Teologia da Libertação à luz da Renovação Carismática Católica**, 1976.

Paulo VI e a Renovação Carismática, 1987.

KOSICKI, G. **A chave da boa nova**, 1978.

VÁRIOS. **Aprendendo a adorar**, s.d.

O Espírito virá sobre vós: sete semanas de caminha no Espírito, 1987.

A Renovação Espiritual Católica Carismática, 1997.

CNS/RCC. **E serei minhas testemunhas 1: Ofensiva Nacional**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1993, n. 1.

- _____. **Batismo no Espírito Santo**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1994, n. 2.
- _____. **Carismas**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1994, n. 3.
- _____. **Vida de Oração**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1994, n. 4.
- _____. **Conhecendo Melhor a Fé Católica**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1996, n. 5.
- _____. **Formação Espiritual de Evangelizadores da Música**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1996, n. 6.
- _____. **Lectio Divina**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1997, n. 7.
- BARBOSA, T. F. **Formação de Pregadores**; metodologia com poder do Espírito Santo, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1997, n. 8.
- CNS/RCC. **As Comunidades de Renovação Rumo ao Terceiro Milênio**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1998, n. 9.
- BOURGERIE, D. **Se Testemunhas-de-Jeová Baterem à sua Porta**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1998, n. 10.
- COMUNIDADE CATÓLICA LEÃO XIII (Barbacena/MG). **Formação de Músicos**: cantar ao Senhor um cântico novo, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1998, n. 11.
- SOUZA, R. C. **Espírito Santo, o Grito de Deus**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1998, n. 12.
- TANNUS, R. A. **O Espiritismo e da Doutrina Cristã**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1998, n. 13.
- POUDIER, R. **Sopro de Vida**: o Espírito Santo na Bíblia, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, s.d. n. 14.
- TANNUS, R. A. **Procura-se um Intercessor**: formação para o ministério da intercessão, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1998, n. 15.
- OLIVEIRA SOUZA, A. C. **Sacramentos**: sete encontros com a ação do Espírito Santo, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 16.

- BETTENCOURT, E. **Igreja Católica, Denominações Cristãs e Correntes Religiosas**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 17.
- DASSMAN, E. **Oração ao Pai**: as sete súplicas do Pai-Nosso, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 19.
- CRESCENTI, E. P. **Rosário**: caminho a paz, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 20.
- OLIVEIRA SOUZA, A C. **Tempos e Festas da Liturgia**, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 21.
- CNS/RCC. **Movimentos Eclesiais**: dom do Espírito, esperança para a humanidade, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 22.
- BRUNETTI, A. **João Paulo II**: vinte anos de Pastor, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 23.
- CNS/RCC. **A Dimensão Social da RCC**: Conclusões do 1º Fórum Nacional, Aparecida do Norte, Ed. Santuário, 1999, n. 24.
- EPA. **Partilha para Grupos de Perseverança**: Orientações Gerais para Iniciação, São José dos Campos, Ed. Com Deus, 1998, n. 00.
- _____. **Liderança na RCC**: Módulo Básico, São José dos Campos, FUNDEC/Ed. Com Deus, s.d., Apostila 3.
- _____. **As Secretarias na Ofensiva Nacional**: Módulo Serviço (encontro básico), São José dos Campos, FUNDEC/Ed. Com Deus, s.d.
- _____. **A Fé e o Marketing**: Módulo Missão, São José dos Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, s.d., Apostila 1.
- _____. **Experiência de Oração** (curso básico), São José dos Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, 1998.
- EPA/Secretaria Moisés. **Intercessão**: orações selecionadas, Sorocaba, Ruah/Loyola, s.d.
- EPA/Secretaria Matias. **Fé e Compromisso Político**, S. J. Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, 1998.
- EPA/Secretaria Marta. **Promoção Humana**, S. J. Campos, FUNDEC Ed. Com Deus, 1998.

EPA/Secretaria Pedro. **Formação de Pregadores**, S.J. Campos, FUNDEC, Ed. Com Deus, 1998.

Cartas Pastorais (Correspondências da CNBB; Publicações Diocesanas e Paroquianas do Período abordado)

Obs.: os documentos listados fazem parte do acervo da CNBB, centrado na Biblioteca INP, Brasília/DF.

Comunicado da Presidência: Renovação Carismática, in: **Comunicado Mensal da CNBB**, n. 248, maio de 1973, pp. 654-655.

Rahm, padre H. Alguns dados sobre a Renovação Carismática no Brasil, **Documento 01511**, 19 de julho de 1973.

McDONNEL, K. Boletim Especial n. 5 1974: Base Teológica da Renovação Carismática Católica, **Documento 02377**, 07 de agosto de 1974.

Declaração da Conferência dos bispos Católicos Canadenses Referente à Renovação Carismática Católica – 1974, **Documento 03049**, 23 de abril de 1975.

CNBB. Renovação Carismática Católica: XV Assembleia Geral da CNBB, **Documento 05585**, 11 de maio de 1977.

Comunicado Mensal da CNBB, n. 297, junho de 1977, pp. 786-797.

CNBB. Renovação Carismática no Brasil: XV Assembleia Geral, **Documento 05584**, 11 de maio de 1977.

BETTENCOURT, padre Estevão. Parecer: Renovação Carismática, **Documento 05998**, 01 de dezembro de 1977.

CÚRIA DIOCESANA DE TAUBATÉ. Normas Disciplinares para Renovação Carismática Católica (na diocese de Taubaté-SP), **Documento 07106**, 23 de julho de 1979.

CNS/RCC. Carta a todos os Grupos de Oração no Brasil (26 de novembro de 1976), **Documento 08511**, 22 de novembro de 1979.

Renovação e Engajamento (Homilia de Dom Helder Câmara. Montreal, 03 de junho de 1979), **Documento 9780**, 30 de maio de 1979.

CNS/RCC. **1º Encontro Nacional**. Brasília 1982. Documento Incompleto.

JOÃO PAULO II. **Aos membros do Renovamento Carismático Católico**: Concentrai a vossa vida no encontro com o Redentor in: *Observatore Romano*, n. 23, junho de 1984.

CARDOSO de AVELLAR, Dom Frei Estevão. **Orientações e Normas Sobre a Renovação Carismática na Diocese de Uberlândia**. SEDOC: Serviço de Documentação, v.ume 189, março de 1986, pp. 882-885.

PICÃO, Dom D. **Renovação Carismática**: Problemas e Orientações (Instrução Pastoral n. 26/1986, Diocese de Santos), Documento 19332, 25 de setembro de 1987.

CNS/RCC. Carta aos bispos (10 de agosto de 1978), **Documento 20427**, 13 de setembro de 1988.

JOÃO PAULO II. Ao Conselho Internacional da Renovação Carismática católica: permaneçei fiéis ao Espírito e ao Magistério da Igreja, in: **Observatore Romano**, n. 15, abril de 1992.

DIOCESE DE JALES. Movimento Carismático, in: **Comunicado Mensal da CNBB**, n. 472, junho/julho de 1993, pp. 1126-1128.

ISNARD, Dom Clemente. Renovação Carismática Católica. Diocese de Nova Friburgo/RJ, in: **Comunicado Mensal da CNBB**, n. 476, novembro de 1993, pp. 2057-2059.

Obras Carismáticas

BLAQUIÈRE, G. **Pentecostes Hoje**: os Grupos de Oração da Renovação Carismática, São Paulo, Paulus, 1993.

CANTALAMESSA, R. **Ungidos pelo Espírito**, SP, Loyola, 1996.

CAROTHERS, M. **O poder do louvor**, BH, Betânia, 1988.

CARRILO ALDAY, **O Batismo no Espírito Santo**, RJ, Louva-a-Deus, 1986.

- _____. **A Renovação no Espírito Santo**, SP, Paulus, 1996a.
- _____. **Renovação Carismática**: Um Pentecostes Hoje, SP, Paulus, 1996b.
- CATÃO, F. **Carismáticos**: um sopro de renovação, Ed. Salesiana, s.d.
- CENTRO CARISMÁTICO EL MINUTO DE DIOS (BOGOTÁ)
Os Papas falam sobre a Renovação Carismática Católica, SP, Loyola, 1982.
- CHAGAS, dom C. **A redescoberta do Espírito e suas implicações para uma Transformação eclesial**: um estudo sobre a Renovação Carismática Católica, Dissertação de Mestrado, RJ, PUC, 1976.
- _____. **Pentecostes é hoje!**, SP, Paulinas, 1977.
- _____. **Discernimento: arte ou dom?**. RJ, Louva-a-Deus, 1981.
- CRSI. **Para renascer no Espírito**, SP, Loyola, s.d.
- _____. **Seminários de vida no Espírito**, SP, Loyola, s.d.
- DE GRANDIS, R. **O Poder da Oração de Cura**, Campinas, Raboni Editora, 1984.
- _____. **O repouso no Espírito**, SP, Loyola, 1989.
- _____. **O Dom da Profecia**, SP, Loyola, 1996.
- _____. **Ministério de cura**, SP, Loyola, 1997.
- _____. **O dom das línguas**, SP, Loyola, 1999.
- DE GRANDIS, R. e SCHUBERT, L. **Vem e segue-me**: a liderança na Renovação Carismática Católica, SP, Loyola, 1990.
- _____. **O Dom dos Milagres**, SP, Loyola, 1996.
- DE MONLEÓN, A.M. **A experiência dos carismas**: manifestações do Espírito para o bem comum, RJ, Louva-a-Deus, 1982.
- FALVO, S. **A hora do Espírito Santo**, SP, Paulinas, 1982.
- _____. **O despertar dos carismas**, SP, Paulinas, s.d.
- GUIMARÃES, ir. Maria Nelli. **Experiências de Vida no Espírito**: casos concretos, SP: Loyola, 1993.

- HÉBARD, M. **Os carismáticos**, Porto, Perpétuo Socorro, 1992.
- JUANES, padre B. **Que é a Renovação Carismática Católica?** SP: Loyola, 1994.
- LAURENTIN, R. **Pentecostalismo entre católicos**: riscos e futuro, Petrópolis, Vozes, 1977.
- MACNUTT, F. **É Jesus que cura**, SP, Loyola, 1976.
- MANSFIELD, P.G. **Como um novo Pentecostes**, RJ, Louva-a-Deus, s.d.
- MARINS, J. **Comunidade eclesial**: instituição e carisma, SP, Paulinas, 1977.
- MARTINEZ, L.M. **Os frutos do Espírito Santo**, SP, Paulinas, 1978.
- _____. **O Espírito santificador**, SP, Paulinas, 1987.
- McALISTRE, A **experiência pentecostal**, RJ, Igreja da Nova Era, 1977.
- MONTAGUE, G. e McDONNELL, K. **Iniciação cristã e Batismo no Espírito Santo**, RJ, Louva-a-Deus, s.d.
- NOGUEIRA, Maria Emmir. **Enchei-vos! Seminário de Vida no Espírito**, Fortaleza, Edições Shalom, s.d. 13ª Edição.
- O'CONNOR, ED. **La Renovación Carismática en la Iglesia Católica**, México, Lasser, 1973.
- PEDRINI, padre A. **Os jovens descobrem o Cristo da missa**, SP, Paulinas, 1981.
- _____. **Programar o Crescimento do Grupo Carismático**, SP, Loyola, 1995.
- _____. **Saiba participar de grupos carismáticos**, SP, Loyola, s.d. 5ª ed.
- PRADA FLORES, J.H. **Formação de líderes**: Renovação Carismática, RJ, Loyola, 1980.
- RAHM, H. **Sereis Batizados no Espírito**, SP, Loyola, 1972.
- _____. **O Espírito diz**: vem, SP, Loyola, 1975.

- RAHM, H. e LAMEGO, M. **Espírito do meu Batismo**, SP, Loyola, s.d.
- _____. **Para orar no Espírito**, SP, Loyola, s.d.
- RANAGHAN, D. e K. **Católicos pentecostais**, SP, Paulist-Press, 1972.
- SANCTIS, frei A. **Encíclica e documentos sociais da Rerum Novarum à Octogesima Adveniens**, de Leão XIII, Pio XI, Vaticano II e Paulo VI, SP, LTR, 1972.
- SHERRILL, J. **Eles falam em outras línguas**, SP, Sociedade Evangélica Betânia, 1983.
- SMETT, W. **Comunidades carismáticas**, SP, Loyola, 1987.
- SUENENS, cardeal. **O Espírito Santo**, nossa esperança, SP, Loyola, s.d.
- VALLE, padre Isac. **A Renovação Carismática rumo ao terceiro Milênio Cristão**, SP, Loyola, 1999.
- VÁRIOS. **Orientações teológicas e pastorais para a RCC**, SP, Loyola, 1975.
- VIER, frei F. (org.). **Compêndio Vaticano II**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- WALSH, V.M. **Conduzi o meu povo**: manual para líderes carismáticos, SP, Loyola, 1991.
- WILKERSON, D. **A cruz e o punhal**, Belo Horizonte, Ed. Betânia, 1988.

Bibliografia Específica:

- ALBERIGO, G. **História do Concílio Vaticano II**, Petrópolis, Vozes, 1995.
- AGUADO, J. C. **O Ocaso da Utopia e o Despertar do Carisma**: vivências na Igreja Católica em Ribeirão Preto (1967-1988), Tese de Doutorado, SP, USP, 1997.
- BARROS, JR., F.O. **Queremos Deus na Aldeia-Aldeota**: a RCC na Arquidiocese de Fortaleza, Dissertação de Mestrado, SP, PUC, 1993.
- BENEDETTI, L.R. **Templo, praça, coração**: a articulação do Campo Religioso Católico, Tese de Doutorado, SP, USP, 1988.
- _____. Pentecostais, CEB's, **Renovação Carismática Católica**: relatório de uma pesquisa comparativa, RJ, CERIS, 1995.

- BEOZZO, padre J.O. **A Igreja do Brasil**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- BINGEMER, M.C. **O impacto da modernidade sobre a religião**, SP, Loyola, 1992.
- BOFF, L. **O rosto materno de Deus**, Petrópolis, Vozes, 1986.
- BOUDEWIJNSE, H.B. **Algo mais que ópio**: una lectura Antropológica del Pentecostalismo latino-americana e Caribeña, San José/Costa Rica, DEI, 1991.
- CAMARGO, C.P.F. **Católicos, protestantes, espíritas**, Petrópolis, Vozes, 1973.
- CAMPOS JR, L.C. **Pentecostalismo**, SP, Ática, 1995.
- CNBB. **A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil**, SP, Paulinas, 1991.
- _____. **Levantamento sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil**, Itaici/SP, 32ª Assembleia Geral da CNBB, abril, 1994^a.
- _____. **Orientações Pastorais Sobre a Renovação Carismática Católica/ Documento 53**, São Paulo, Paulinas, 1994b.
- _____. **III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**: a Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões De Puebla, Texto Oficial, SP, Loyola, 1995.
- DÁVILA, B.M.C. **Renovação Carismática Católica**: origens, mudanças e tendências, Dissertação de mestrado, Campinas, UNICAMP, 1998.
- DELLACAVA, R. **A ofensiva vaticana in: Religião e Sociedade**, RJ, (12,03):35-83, dezembro de 1985.
- _____. **E o Verbo se fez imagem**, Petrópolis, Vozes, 1981.
- ENCONTRO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A Renovação Espiritual Carismática** (Documento de Colômbia, set., 1987), SP, Loyola, 1989, 2ª Ed.
- FLORISTAN, C. e TAMOYO, J. J. (org.). **El Vaticano II, veinte Años despues**, Madrid, Cristiandad, 1985.

GARDNER, S. **A Renovação Carismática Católica**: fruto do Concílio Vaticano II, semente de destruição. Tradução do texto original publicado em revista The Angelus Press (Minnesota/EUA), março de 1998.

GUTIERREZ, B. (org.) **Na força do Espírito**: pentecostais na América Latina – um desafio as Igrejas Históricas, SP, Associação Literária Pendão Real, 1996.

HIGUET, E. O misticismo na experiência Católica, In: **Religiosidade Popular e misticismo no Brasil**, SP, Paulinas, Ciências da Religião, 1984.

JONES, C. E. Symbol and Sign in: the Methodist Holiness and Pentecostal Spirituality, in: MILLER, T. **America's Alternative Religions**, State University of New York Press, Albany, 1995.

KRISCHKE, P. e MAINWARING, S. **A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1974-1985)**, São Paulo, L&PM, 1986.

LENHARO, A. **Sacralização da Política**, Campinas, Papirus, 1986.

MACHADO, M.D.C. **Carismáticos e Pentecostais**, Campinas, Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996.

MARIANO, R. **Neopentecostalismo**: os pentecostais estão mudando, Dissertação de Mestrado, SP, USP, 1995.

MARIZ, C.L. e MACHADO, M.D.C. Sincretismo e trânsito Religioso: Comparando carismáticos e pentecostais, in: **Comunicações do Iser**, N. 45, 1984.

MASSARÃO, L. M. **Uma Nova Vida no Espírito**: a Renovação Carismática Católica através da coleção O Novo Pentecostes, Monografia de Bacharelado, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1998.

_____. A Renovação Carismática Católica através da coleção O Novo Pentecostes (1976-1997), in: Coutinho, S.R. (org)m **Religiosidades, Misticismo e História no Brasil Central**, Brasília/DF, Univera/CEHILA-Brasil, 2001.

MENDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens, S. Bernardo do Campo, UMEP, 1997.

- OLIVEIRA, P.R. Movimentos Carismáticos na América Latina: Uma visão sociológica, in: **Cadernos ISER**, N. 5, 1977.
- OLIVEIRA, P. (org.). **Renovação Carismática Católica**, Petrópolis, Vozes, 1978.
- OLIVEIRA JUNIOR, A. W. de. **Línguas de Anjos**: sobre glossolalia religiosa, Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 1997.
- ORO, Ari. **Avanço Pentecostal e Reação Católica**, Petrópolis, Vozes, 1996.
- PRANDI, R. Cidade em transe: religiões populares no Brasil no fim do século da razão, in: **Revista USP**, SP, 11:65-70, out./dez. 1991b.
- _____. Perto da magia, longe da política: derivação do encantamento no mundo desencantado, in: **Novos Estudos CEBRAP**, SP, 34:81-91, nov. 1992b.
- PRANDI, R. **Um sopro do Espírito**, SP, EDUSP, 1997.
- QUEBEDEAUX, R. **The New Charismatic**, San Francisco, Haper and Row, 1983.
- ROLIN, F.C. **Religião e classes populares**, Petrópolis, Vozes, 1980.
- _____. **Pentecostais no Brasil**, Petrópolis, Vozes, 1985.
- _____. **Que é Pentecostalismo?** SP, Braziliense, 1987.
- _____. **Pentecostalismo**, Petrópolis, Vozes, 1995.
- ROMANO, R. **Brasil**: Igreja contra Estado, São Paulo, Ed. Kairós, 1979.
- SANCHIS, P. **Catolicismo**: cotidiano e movimentos, RJ, Loyola, 1992.
- SENA DA SILVEIRA, E. Trama dos Conceitos: Renovação Carismática, Igreja e Vaticano II, in: **Rhema**, v. 4, n. 14, 1998, pp. 57-74.
- SOARES, Claudete G. **Teologia da Libertação no Brasil**: aspecto de uma crítica política-teológica à sociedade capitalista, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Campinas, UNICAMP, 2000.

STEIL, C.A. A igreja dos pobres e o catolicismo no Brasil, in: **VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina**, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.

SYNAN, U. **The Holiness Pentecostal Movement in: the United States**, Grand Rapids, Michigan Eerdmans, 1971.

TANGERINO, M. **A Política na Igreja do Brasil**, Campinas, Ed. Alínea, 1997.

TERRA, D.J.M. **Os carismas em São Paulo**, SP, Loyola, s.d.

VIEIRA, N. P. **Atuação da Renovação Carismática Católica no Campo Social**, Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 1996.

Bíblia Sagrada, São Paulo, ed. Ave-Maria, 1999. 131ª ed.

Bibliografia Geral

ARIÈS, Ph., DUBY, G. & LE GOFF, J. **História e Nova História**, Lisboa, Teorema, s.d.

BASTIAN, J.P. **La Mutación Religiosa de América Latina**, México, Fondo de Cultura Económica, 1997.

BERGER, P. **Um Rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**, Petrópolis, Vozes, 1996.

BRELICH, A. (org.). **Historia de las Religiones**, Madrid, Siglo XXI, 1996.

CERTEAU, M. de. **A Cultura no Plural**, Campinas, Papirus, 1995.

_____. **A Invenção do Cotidiano**, Petrópolis, Vozes, 1996.

_____. **A Escrita da História**, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, s.d.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa Difel, 1990.

CHAUVEAU, A et al. **Questões para a História do Presente**, Bauru, EDUSC, 1999.

COHN, N. **Na senda do milênio**, Lisboa, Presença, 1982.

- COULIANO, I. **Mas allá de este mundo**: Paraísos, infiernos e purgatorios – Un viaje a través de las culturas religiosas, Barcelona, Paidós/Orientalia, 1993.
- _____. **Dicionário das Religiões**, SP, Martins Fontes, 1994.
- DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**, SP, Companhia das Letras, 1990.
- ELIADE, M. **História das Idéias e das Crenças Religiosas**, Porto, Rés Editora, s.d.
- _____. **Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais**: Ensaios em Religiões Comparadas, Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- _____. **Origens**, Lisboa, Editora 70, 1989.
- _____. **Sagrado e Profano**: a essência das religiões, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Mythos/Logos, Sagrado/Profano**, v. 12, Imprensa Nacional, Lisboa, 1987.
- HALL, S.A **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro, DP&A, 1998.
- LE GOFF, J. & NORA, P. (org.). **História**: Novas Abordagens, RJ, Zahar, 1977.
- MOREIRA, A. e ZICMAN, R. **Misticismo e novas religiões**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- NIEBUHR, H.R. **As origens sociais das denominações cristãs**, SP, Ciências da Religião/ASTE, 1992.
- SCHLESINGER, H. & PORTO, H. **Dicionário Enciclopédico das Religiões**, Petrópolis, Vozes, 1995, v. I e II.
- VÁRIOS. **Nem anjos, nem demônios**, Petrópolis, Vozes, 1994.

Sobre a autora



Leila Maria Massarão

Bacharel e licenciada em História pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e mestra em História pela mesma universidade (2002). Atualmente Leila Maria Massarão é historiadora da Fundação Pró-Memória de São Carlos onde exerceu de 2006 a 2008 a função de Vice-Presidente e, a partir de 2009, foi designada Chefe da Divisão de Pesquisa. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: história do Brasil, renovação carismática católica, igreja católica, historiografia, história e educação patrimonial e história de São Carlos.

Fruto de uma dissertação de mestrado defendida no início dos anos 2000, **Combatendo no Espírito: a Renovação Carismática na Igreja Católica (1969-1998)**, ocupa um lugar singular pelas discussões que a historiadora Leila Massarão se propôs a fazer. Insere a Renovação Carismática Católica na tradição mais ampla dos avivamentos cristãos que remonta séculos discutindo a vigência dos dons espirituais na contemporaneidade.

